

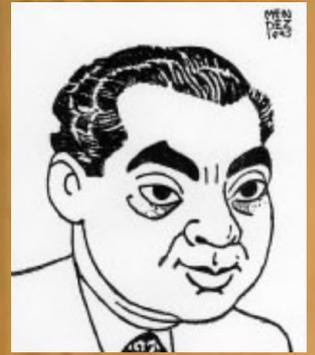
REVISTA BZZZ

ANO 8 | Nº 92 | MARÇO/ABRIL 2021



O VIAJANTE

A crônica da vida de Luiz Thadeu, o brasileiro com mobilidade reduzida mais viajado do mundo



ORLANDO DANTAS

Jornalista de Ceará-Mirim que fundou jornais, desafiou Vargas e foi sócio de Chateaubriand

MYANMAR

As aventuras de Sabrina Mahler pela curiosa Bagan

LALARILAR

Boas maneiras no teletrabalho

AS LISBOETAS

Novas ótimas em Lisboa e Natal

O CUIDADOR

O EMPRESÁRIO POTIGUAR MIRANDA JÚNIOR REUNIU EMPATIA, PROFISSIONALISMO E HUMANISMO PARA CUIDAR DE PESSOAS. RESULTADO: SUA EMPRESA OSTENTA O 2º LUGAR DO SEGMENTO NO BRASIL



A proteção que
ajuda
sua empresa
a crescer mais
tranquila.



Seguros para sua empresa

Para sua empresa crescer com tranquilidade, é preciso ter segurança. Com as nossas soluções em seguros, você protege seus colaboradores, sua frota, a infraestrutura de sua empresa e muito mais. Também encontra as coberturas mais adequadas à sua atividade comercial, aproveitando assistências e benefícios exclusivos. Com essa proteção, o futuro da sua empresa fica muito mais seguro.

Invista na tranquilidade de ter um seguro para a sua empresa.
Fale com o seu gerente e contrate já.

  @sicrediriograndedonorte

Sede Sicredi RN: (84) 4009 3535

SAC Sicredi: 0800 724 7720

Deficientes auditivos ou de Fala: 8000 724 0525

Ouvidoria Sicredi: 0800 646 2519

sicredi.com.br/riograndedonorte



De momentos à memórias

Na correria para finalizar mais uma edição da Bzzz, eis que recebo uma agradável mensagem. O remetente era o gentil maranhense Luiz Thadeu Nunes, considerado o brasileiro com mobilidade reduzida mais viajado do mundo. Ele leu a revista pela GoRead, de onde anotou meu contato e iniciou nosso bom bate-papo. Fascinada com sua história, fiquei de fazer uma entrevista para a próxima edição, pois não dava mais tempo para esta que chega-vos. Mas eu queria algo para já. Solicitei, então, que escrevesse uma crônica. Pedido prontamente atendido, rapidamente chegaram texto e fotos. Encantei-me ainda mais. Resolvi fazer um texto de abertura sobre ele e publicar a sua crônica. E assim foi feito. Deleite-se você também no recheio desta publicação de número 92.

O historiador Ivan Lira de Carvalho traz mais uma excelente coluna. Desta vez com a história de um jornalista potiguar pouco falado, ou muito pouco, ou quase nada, em solo de potis-ilustres: Orlando Dantas. Que história de vida e obra! Para se ter ideia do seu destemor pela democracia, ele ganhou o reconhecimento internacional e das mãos de Dwight Eisenhower, 34º presidente dos EUA, recebeu as insígnias do Prêmio Maria Moors Cabot. O filho João Ribeiro Dantas e Joaquina Villar Ribeiro Dantas nasceu em Ceará-Mirim e conquistou o mundo. Foi dono de jornal no Rio de Janeiro, que teve a poetisa Cecília Meirelles em seus quadros. Investigou e descobriu a tumba onde estava sepultada Nísia Floresta na França. E assim os restos mortais da escritora potiguar foram trazidos e repousados no mausoléu onde está até hoje, na cidade em que nasceu e leva o seu nome.

Jogue-se nas dicas ótimas da viagem da chef-viajante Sabrina Mahler por Myanmar. E nos novos mandamentos de boas maneiras em tempos de atividades virtuais, na coluna sempre bem escrita de Milena Neves. No meu cantinhos As Lisboetas, falo sobre as novas do chíquimo JNcQUOI, na capital portuguesa, e do novo restaurante em Cascais, com toque francês. Em Natal, passagem por sabores saudáveis das nutricionistas Lilian Lins e Amal Sallah. E no belo e moderno espaço que reúne trabalho coletivo, dos irmão Bia e Beto Soares.

Boa leitura
Eliana Lima - Editora



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznoticias.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

AURA MAZDA, IVAN LIRA DE CARVALHO,

SABRINA MAHLER

CAPA

CÍCERO OLIVEIRA

Clube do Cliente



UM BOCADO DE BENEFÍCIOS PRA VOCÊ.

*Tenha descontos em farmácias, academias,
spas, escolas, construtoras e muito mais.*

Saiba mais:



Unimed 
Natal

ESPECIAL CAPA
PADRE EXORCISTA

O SACERDOTE EXORCISTA

Padre José Mário integra o seleto grupo de 20 religiosos do Brasil habilitados pelo Vaticano para expulsar espíritos malignos de pessoas possuídas.

Por Octavio Santiago
Fotos: João Neto

36

REPORTAGEM CIDADE
BARCELONA

Xarrias x Canguleiros

No século 19, moradores do Círculo Alto não deixam a Ribeiro, o vice-verso. Xarrias e canguleiros protagonizaram brigas que iam de homéricas a pedradas e prisões. A partir dos 18h, os grupos entoavam grilo de guerra. Xaria não descal. Canguleiro não sobel!...] E anteciam para a história do folclore natalense.

Por Louise Aguiar
Cherrie Evans

38

58

REPORTAGEM CAPA
SINOPSE

Cura-se mau-olhado, cobreiro e vento caído

É religião, espiritualidade, cultura popular, união. Dom para uns, bruxaria para outros. A atividade das benzedeiras, sem fécula e jurecoarabica.

Por Rafael Barbosa
Fotos: Green Oliveira

39

80

REPORTAGEM MEMÓRIA
SEBASTIÃO GURGEL

O Banqueiro de Mossoró

Sebastião Fernandes Gurgel era filho de fazendeiros na cidade de Caraguatatuba, mas foi em Mossoró que trilhou caminho de sucesso no comércio e fundou a Casa Bancária S. Gurgel, primeiro banco privado da região. Além de ter forte participação na vida social mossoroense, escreveu um diário cujas anotações foram transformadas em livro. Trata-se do livro da empreiteira Flávia Rocher, presidente das Lojas Riachuelo.

Por Marina Godinho
Fotos: Arquivo e foto "Destino Baixo - História, Origem e Decadência"

42

REPORTAGEM HISTÓRIA

À beira do Potengi

Uma das comunidades mais antigas de Natal, a da Passagem de Fátima foi fundada durante a Guerra do Potengi. Lugar de contrastes, costuma ser destaque pela violência, mas tem bela vista e muita história.

Por Raulciara Figueiredo

33

62

REPORTAGEM HISTÓRIA
PASSO DA PATELA

À beira do Potengi

Uma das comunidades mais antigas de Natal, a da Passagem de Fátima foi fundada durante a Guerra do Potengi. Lugar de contrastes, costuma ser destaque pela violência, mas tem bela vista e muita história.

Por Raulciara Figueiredo

39

88

REPORTAGEM CIDADE
CLUBES PORTUGUESES

GERAÇÃO LANÇA-PERFUME

Na época das camisas de xuxa em Natal, os clubes eram o ponto de encontro de todos os hábitos de elite. Nelas também aconteciam as maiores festas da sociedade, até uma época efêmera que ficou na memória das suas frequentadoras.

Por Marina Godinho

50

REPORTAGEM PERSONALIDADE

32

68

8 | AS LISBOETAS

16 | VIAJANDO COM SABRINA MAHLER

96 | FESTAS

102 | ARTIGO

JÁ FEZ A CARTEIRA DE ESTUDANTE 2021?



DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA:

- RG • CPF • R\$ 25,00*
 - Cadastro atualizado.
- *VALOR PROMOCIONAL

ADQUIRA A SUA:

✓ **Postos NatalCard**
(receba na hora)

✓ **App Meu NatalCard**
(receba em casa)



BAIXE JÁ O APP
Meu NatalCard



✓ **Portal do Estudante**
PORTALDOESTUDANTENATAL.COM.BR

*A Lei Federal Nº 12933/2013, garante o benefício do pagamento de meia-entrada para estudantes, pessoas com deficiência e jovens, de baixa renda, com idade entre 15 e 29 anos.



MEIA
ENTRADA



MEIA
PASSAGEM



RECARGA
ON-LINE



CLUBE DE
DESCONTOS





ELIANA LIMA

elianalima@portaldabelhinha.com.br

QUE BELEZA!

Mesmo nestes tempos difíceis de pandemia, o grupo português JNcQUOI não para de investir em Lisboa.

E agora ingressa no ramo hoteleiro, com o JNcQUOI House, na bela Av. da Liberdade, em contagem regressiva para abrir.

Será estilo boutique hotel, com 21 quartos. Foram investidos cerca de 10 milhões de euros no imóvel histórico que já teve tempos áureos como Veneza Inn Lisbon.



Fotos: Eliana Lima



E tem mais!

O JNcQUOI ganhou vinho com grifo próprio.

Novidade que foi apresentada pelo fundador e CEO Miguel Guedes de Sousa. O Vinho Jncquoi chega com “vários formatos Garrafas, Garrafões e formatos de 6 a 18 ltr!”.

No lançamento, explicou que o “vinho foi elaborado a partir de castas tradicionais do Douro é um vinho versátil, fresco, divertido e que é um excelente acompanhamento para momentos com um certo JNcQUOI... Esta é uma homenagem ao cão de família, uma figura incontornável de afecto, amor incondicional e alegria, emoções presentes neste vinho e que queremos partilhar”.

A produção de arte ficou por conta da dupla estrelada Carolina e Daniela Pontes.



Que bacana!

Cascais ganhou um novo e estiloso espaço de gastronomia e charme. É o Zôzô Unforgettable Restaurant & Cocktail Bar, na Rua Visconde da Luz, 43.



Sabor e saúde

E em Natal, a nutricionista Lilian Lins abriu o primeiro fast food do bem do Nordeste. Trata-se do restaurante de comida saudável Kale do Bem, na Rua Trairi, Tirol. “Fasf food porque somos uma comida rápida e do bem porque servimos uma

comida para aumentar a sua saúde, a sua autoestima, melhorar sua qualidade de vida, trazer longevidade e prazer, porque, acima de qualquer coisa, é um fast food extremamente nutritivo e saboroso”, diz Lilian.



Huuuummm

E por falar em sabor saudável, genteee...é algo maravilhoso a conserva da Tomattino, da nutricionista Amal Salha, feita com produtos 100% naturais a partir de tomates orgânicos selecionados. Segundo ela, produto feito de uma receita que passa de geração em geração na sua família.

Tão bom, que vale demais passar aqui a dica de contato: (84) 999189276.



Que legal!

Continuando com novidade na capital-potengi, os irmãos Bia e Beto Soares abriram em Capim Macio o Smart Office, um local que funciona como escritório compartilhado, com amplo espaço de convivência. A ideia é, além de oferecer um ambiente confortável e moderno para diversas atividades de trabalho, ampliar relacionamentos, favorecer o “encontro de interesses que levam a melhores resultados”. Oferece salas de reuniões, internet de alta velocidade, estacionamento e, dos melhores itens: segurança 24 horas.

Ou seja, é o chamado coworking, espaço em que empresas e autônomos compartilham o mesmo ambiente de trabalho e ideias, dividindo entre si as despesas gerais e os locais de área comum. Tudo charmoso e no capricho, como bem sabem fazer Beto e Bia!



A PREFEITURA DO NATAL AVANÇA NA APLICAÇÃO DAS VACINAS.

MAIS DE 200 MIL DOSES JÁ FORAM APLICADAS.

Fique atento à sua faixa etária ou grupo de prioridade. Quando for a sua vez de receber a vacina, procure um dos pontos de vacinação da Prefeitura do Natal, proteja a sua saúde e nos ajude no enfrentamento à Covid-19.

NATAL
VACINA
CONTRA
COVID-19





Ivan Lira de Carvalho

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Conselho Estadual de Cultura, da Academia de Letras Jurídicas do RN e do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Professor da UFRN e Juiz Federal



Registro de quando Orlando Dantas localizou o túmulo da escritora Nísia Floresta, em Ruão, França

ORLANDO DANTAS

Um jornalista de posições claras

Ceará-Mirim ostentava a posição de vetor mais importante da economia do Rio Grande do Norte, nos anos de encerramento do século dezenove, com larga produção de derivados da cana-de-açúcar, para exportação e para consumo interno, quando a 11 de fevereiro de 1896 o casal João Ribeiro Dantas (filho do lendário senhor-de-engenho Zumba do Timbó) e Joaquina Villar Ribeiro Dantas (filha do Promotor Público Heráclio Villar) aumentou a família com a chegada de Orlando, que se somava à irmã Antonia. Depois nasceram Edite, José, Alaíde, Heitor, Heráclio, Hilda e Osvaldo.

Por razões de posto de trabalho do João, em 1907 a família

migrou para Recife, onde Orlando frequentou os tradicionais estabelecimentos Ginásio Porto Carreiro e Ginásio Pernambucano. Desde cedo demonstrou inquietude empresarial e vocação para a área informativa, unindo os estudos ao trabalho em firmas comerciais e reservando o período da noite para confeccionar um pequeno jornal, de circulação mensal, nominado *O Colibri*. Os influxos da sua juventude perscrutadora de novos horizontes o mandaram aos Estados Unidos, em 1919, onde conseguiu o posto de gerente geral para o Brasil da importação e vendas das máquinas de datilografia Underwood, que com o seu revolucionário modelo “Nº 5” ocupou o topo das preferências por esse

produto nas primeiras décadas do século vinte.

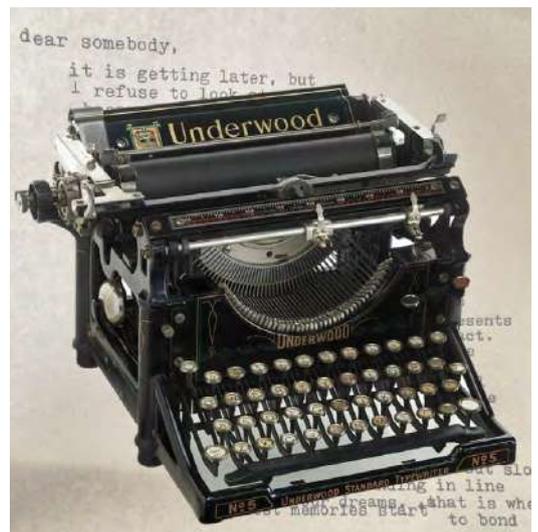
Já com aporte econômico que dava base a novas ousadias, Dantas retorna ao Recife com o ânimo de instalar no Brasil uma fábrica de artefatos de borracha, unindo o insumo nacional à tecnologia que conhecera na América do Norte. Não encontrou entusiasmo por parte do governante de Pernambuco, Manoel Borba, razão que o levou a conduzir os seus planos para o Distrito Federal, chegando a convencer o então Presidente da República, Epitácio Pessoa, e o seu Ministro da Agricultura, Simões Lopes. Entretanto, o Congresso fez oposição ao projeto, que naufragou. Mesmo assim, Orlando Dantas



Ceará-Mirim, ruínas do Engenho Carnaubal, pertencente ao português Antônio Bento, avô de Orlando Dantas



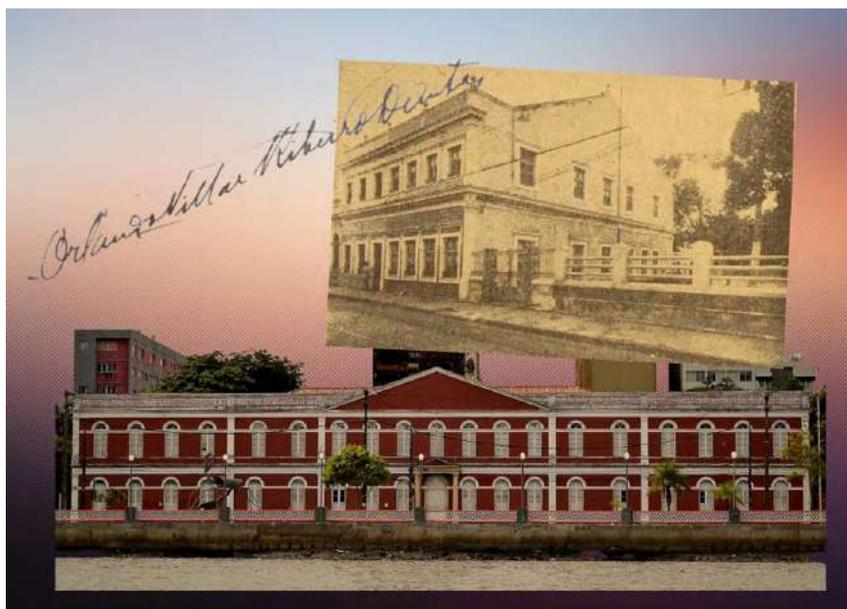
João Portella Ribeiro Dantas, primogênito de Orlando, em comitiva diplomática do presidente Jânio Quadros, visitando Cuba. Diálogo com Che Guevara, testemunhado por outro jornalista potiguar, Murilo Melo Filho



A máquina de escrever “Underwood nº 5”, americana, com vendas no Brasil confiadas a Orlando

muda a sede das suas atividades para a capital federal e já em 1922 está exercendo a diretoria da *Revista Comercial e Industrial*¹, onde permaneceu até 1926, quando assume a diretoria de publicidade de *O Jornal*. Mas, já em 1927, estava de volta ao Recife, pois a saudade empresarial lhe trouxe pelo braço – assim como diz o verso de Luiz Bandeira – para criar e publicar o *Diretório Comercial Brasileiro* e em 1926 partir para a capital paulista, para fundar *O Diário de São Paulo*, em sociedade com Rubens Amaral e Assis Chateaubriand. Porém, cruzar o sangue com Chatô no mundo dos negócios não era fácil, rendendo logo um distrato e uma nova mudança de Dantas para o Rio de Janeiro, agora para criar o seu mais duradouro jornal, o *Diário de Notícias*. Estamos em 1930, turbulências institucionais à mancheias, sistema oligarca da Velha República caindo aos pedaços e a Aliança Liberal, com flâmula desfraldada por Getúlio Vargas e seus seguidores, apresentando um plano de teses que atraiu o apoio do jovem jornal: voto secreto (inclusive o feminino), anistia para crimes políticos, jornada de trabalho de oito horas, férias e regulamentação do trabalho feminino e infantil regulados em lei e mesas eleitorais presididas por magistrados,

¹ Há notícia desse periódico funcionando no Recife como editora de livros. Cf. MARTINS, Milena Ribeiro. *Idealismo e individualismo num raro romance pernambucano*. *Revista de Literatura Brasileira*. (ISSN ONLINE 2526.4885), Brasil, vol.33, n.62, p. 31-53, 2020.



Ginásio Pernambucano (parte baixa) e Ginásio Porto Carreiro, em Recife. Autógrafo de Orlando Dantas



Rua da Constituição, nº 11, Centro do Rio de Janeiro. Primeira sede do Diário de Notícias

com o fim da eleição de cabresto. O apoio do *Diário* valeu para o jornal o apelido de “jornal da Revolução”, além de acrescentar dissabores ao seu proprietário, que foi instado a prestar depoimento na polícia política.

Entretanto, o que se viu nos anos seguintes realmente não justificava a confiança deferida a Vargas, que logo foi pondo as táticas caudilhistas em prática, com o desenho de uma condução do país com métodos autoritários e centralizadores. Isso fez com que o *Diário* acentuasse o tom de críticas ao governo, e em 1932 já estivesse dando suporte informacional à Revolução Constitucionalista eclodida em São Paulo, que, apesar de malograda, desafiou Getúlio a convocar Assembleia Nacional Constituinte, resultando na Carta Política de 1934. A atuação do periódico de Dantas continuou na trincheira da oposição.

A propósito da definição da linha jornalística do *Diário de Notícias*, é importante o registro de que entre os valores aí inseridos estava o da educação. Tanto que abriu espaço próprio para esse setor, colocando para escrever e dirigi-lo a poetisa Cecília Meireles, que dali fez uma trincheira política de combate ao sistema getulista, mesmo que transformando versos em petardos². Mas havia espaço para outros notáveis que punham letras

e ideias naquele caderno, sem interferência do chefão, como Mário de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Álvaro Moreira, Alceu Amoroso Lima, Luís da Câmara Cascudo, Afonso Arinos de Melo Franco, Josué de Castro, Sérgio Buarque de Holanda e Graciliano Ramos. A sala de Orlando, no antigo prédio da Rua da Constituição, Nº 11, era ponto frequente de figuras do nível de Afonso Arinos, Otávio Mangabeira, Adauto Lúcio Cardoso

e Eduardo Gomes, da afinada orquestra política da União Democrática Nacional.

Chega 1937, com o endurecimento do regime e a decretação do Estado Novo, suprimindo garantias, reduzindo os poderes do Judiciário e cerrando as portas do Parlamento. A liberdade de imprensa foi posta em arquivo e jornalistas foram coagidos a tomar modos através de métodos inibitórios e não raramente truculentos. Orlando Dantas foi tentando



Na década de trinta, Cecília Meireles escreveu diariamente no *Diário de Notícias*, sobre educação, mas com viés político de oposição ao Governo Vargas

² Sobre a atuação política de Cecília Meireles no contexto da Revolução de 30 e dos governos de Vargas, cf. LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira. Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

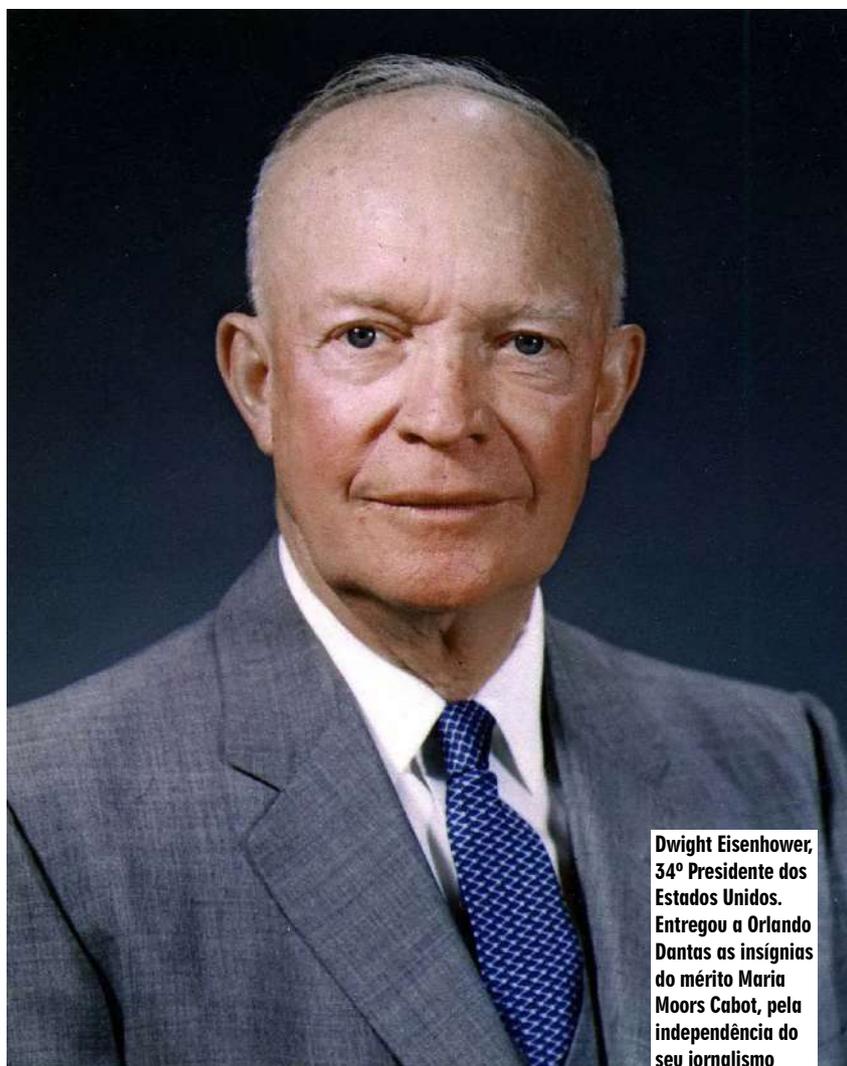
a aderir ao novo regime, através do alinhamento ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) titularizado por Lourival Fontes, mas recusou. Segurou-se na sela e não foi para a cela, mercê da repercussão negativa que isso poderia causar à figura do primeiro mandatário, que já flertava com o “queremismo”, uma esdrúxula receita de poder que ampliava o tempo de Vargas no Catete (de onde era hóspede há mais de uma década), só que

agora chancelada por uma nova Constituição. Claro que o jornal de Dantas berrou contra esse acordo e apoiou abertamente a candidatura de Eduardo Gomes à presidência, derrotada por Eurico Gaspar Dutra. A linha “do contra” continuou e chegou até o início dos anos cinquenta, quando novamente Gomes enfrentou Vargas, contando com o coerente apoio do *Diário*. Nova derrota e nenhuma novidade no jornal: oposição sem volteios.

Leal aos princípios que sustentavam a editoria do seu jornal, Dantas fez guerra contra jogos de azar e contra os critérios de concessão para a exploração de loterias por empresas particulares. Registra-se que em 1943, apesar de a empresa enfrentar dificuldades financeiras, pelo cerco que lhe impunha o DIP, recusou vultosa proposta da parte de Peixoto de Castro, que explorava a Loteria Federal e temeu a campanha desencadeada pelo *Diário*: cem contos de réis, em dinheiro vivo, além de um contrato de publicidade da referida modalidade de jogo. Orlando Dantas repeliu a oferta e pôs a boca no trombone, ampliando mais ainda a batalha, ao não aceitar nas suas folhas sequer divulgação dos cassinos que operavam então na legalidade. Ponto final.

De tudo Dantas não saiu perdendo nessa queda de braço com o sistema, pois granjeou a fama de bastião da democracia em um tempo de treva institucional, conseguindo até mesmo o reconhecimento internacional, pois a 09 de novembro de 1948 recebeu das mãos do General Dwight Eisenhower as insígnias do Prêmio Maria Moors Cabot, em cerimônia na Universidade de Colúmbia, EUA.

Uma das suas alegrias pessoais, no campo da cultura, foi ter investigado e descoberto a tumba onde estava sepultada a sua coestaduana Nísia Floresta, em Ruão, na França, o que viabilizou



Dwight Eisenhower, 34º Presidente dos Estados Unidos. Entregou a Orlando Dantas as insígnias do mérito Maria Moors Cabot, pela independência do seu jornalismo

a remoção dos despojos da festejada escritora para acondicionamento em um mausoléu situado na sua cidade natal. Isso ocorreu em 1950.

Foi casado com Ondina Portella Ribeiro Dantas (1897/1980), uma baiana de refinada formação cultural e artística (tocava harpa e escrevia no *Diário de Notícias* sobre música, sob o pseudônimo “D’Or”), com inclinações socialistas, que juntamente com o filho João Portella Ribeiro Dantas geriu o jornal após a morte de Orlando,

a 1º de fevereiro de 1953, vítima do por derrame cerebral, deixando, além de João, as filhas Laura, Lúcia e Lígia, todos já falecidos.

Orlando e Ondina foram sepultados no Cemitério São João Batista, no Rio, cidade onde os seus nomes estão em placas de rua: ele, em Botafogo; ela, na Ilha do Governador. Também em outras cidades a toponímia lembra Orlando Dantas, a exemplo de Ceará-Mirim, Mossoró e São Paulo.

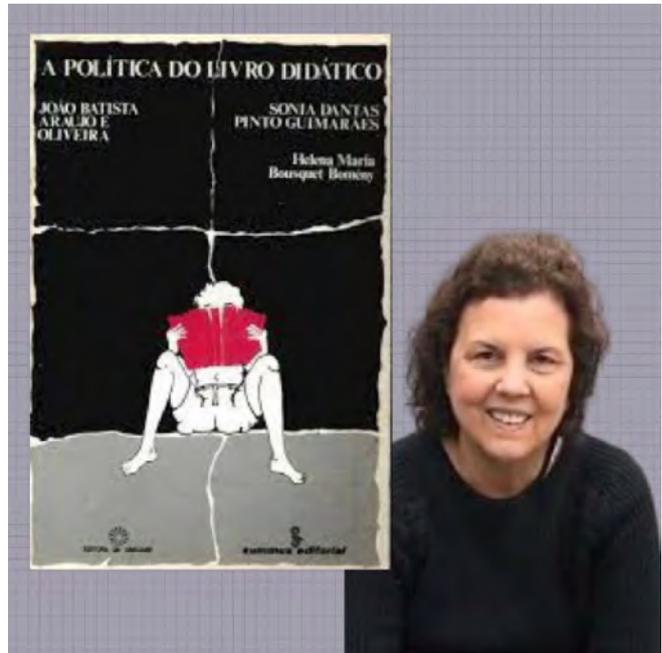
O *Diário de Notícias* encerrou as suas atividades em 1974.



Ondina Portella Ribeiro Dantas, esposa de Orlando, que na viuvez conduziu o *Diário de Notícias* juntamente com o filho, João



Orlando Ribeiro Dantas, visto pelo traço do caricaturista Mendez, em 1945



Sônia Dantas Pinto Guimarães, neta de Orlando. Antropóloga, coautora da obra “A política do livro didático”



Sabrina Mahler
Chef-viajante

BAGAN

O destino mais esperado da **vida!**

Fotos: Arquivo pessoal



Como encerrei na edição anterior, eram 3h da manhã quando finalmente dormimos em Bagan e saíramos às 05h30 para ver o nascer do sol, momento imperdível em Bagan, sem dúvida alguma.

Acordamos, tomamos um café na nossa super cafeteira, não sei se já disse, mas este foi o hotel mais bacana de nossa viagem toda. Nosso orçamento muito, muito apertado nos permitiu somente hotéis simples e hostels, mas em Bagan, devido ao preço,

decidi pelo Bagan Thiripytsaya Sanctuary Hotel - <http://thiripytsaya-resort.com>.

O Hotel é lindo! Na beira do Rio Irrawaddy, o maior rio de Myanmar. Saímos do quarto e sentimos o bafo...kkkkk - assim batizamos o denso ar quente que tem em Bagan. Em Myanmar toda...muito quente!

Estava noite ainda e chegamos na recepção, onde o sorridente atendente nos aguardava com as bicicletas elétricas. Que emoção! Nós aguardamos esse

momento por meses, imaginando como seria explorar Bagan de bicicleta elétrica. Queríamos conhecer o maior número de templos possíveis em 24 horas. Isso mesmo, gente, não leram errado! Tínhamos apenas 24 horas em Bagan, se o voo fosse confirmado no outro dia.

Detalhe: quando fomos, em 2016, voamos de Golden Myanmar e só teríamos certeza do voo no dia, devido a condições climáticas, que às vezes impossibilitavam os voos.



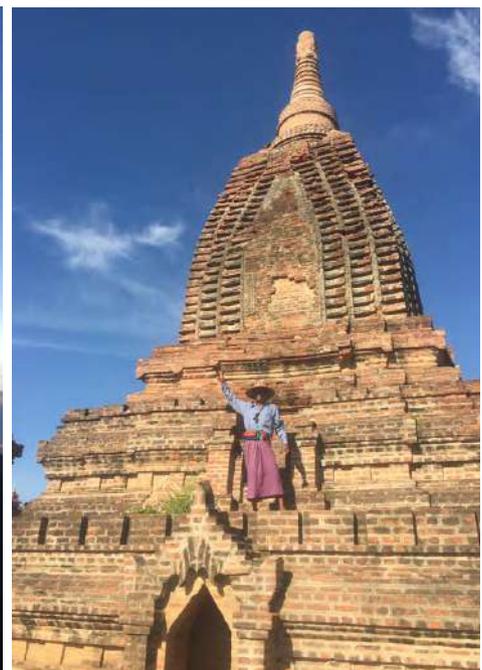
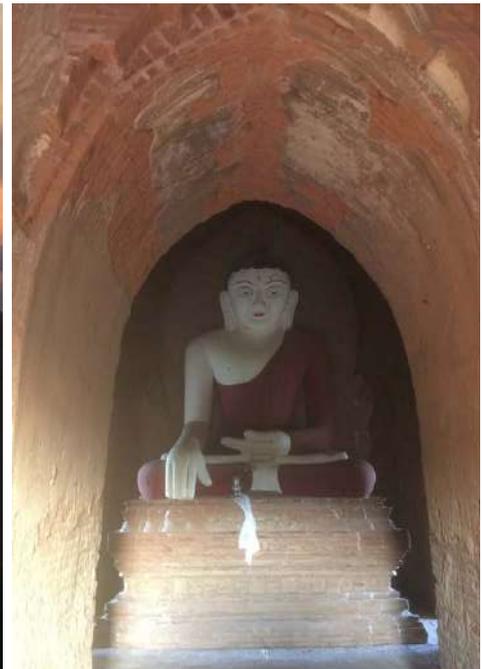
VOLTANDO AO NASCER DO SOL

Montamos e saímos...kkkk...eu cambaleando e tentando entender como àquela bicicleta elétrica funcionava. Parecia mais uma “motinha” que uma bicicleta. Fi-

quei meio atônita no começo.

Tínhamos um mapa de Bagan na mão. Eu já tinha estudado um pouco a região, mas, entre o papel e a realidade exis-

tem uma moto, um céu escuro e muita aflição, gente! Pra que lado iríamos??? Saímos do hotel e já não sabíamos mais nada... kkkk...juro!



COISAS DA VIDA

Eis que surge um rapaz montado em outra bicicleta elétrica e grita: sunshine, sunshine! Nós concordamos com a cabeça e sorrimos alegremente. Ele mandou que nós seguíssemos-o.

Gente! Nós seguimos um completo estranho, às 05h30 da manhã...em meio à areia e templos. Nossa, que emoção com misto de medo, desconfiança e uma adrenalina danada.

Eu e João nos entreolhamos e seguimos. De repente estávamos nos caminhos de areia entre os milhares e lindos TEMPLOS DE BAGAN.

Paramos em um templo, onde, segundo o rapaz, era o melhor lugar para acompanhar o nascer do sol. Vimos mais à frente muitas pessoas em um templo, onde depois nos localizamos, e tratava-se do Pagode [templo] Shwesandaw, um dos mais lindos de Bagan. Inclusive vimos o pôr-do-sol nele. Apesar de estar lotado, achamos a vista dele melhor que o templo que vimos o nascer do sol.

Pois bem, ficamos ali até o sol nascer e subir um pouco. Por volta das 06h45 decidimos voltar ao hotel, tomar café da manhã e sair novamente para explorar os templos. Nos despedimos do rapaz, agradecemos bastante e daí começou o que seria bem usual na Ásia toda...eles sempre tem algo pra vender... e se você não comprar, emburram.

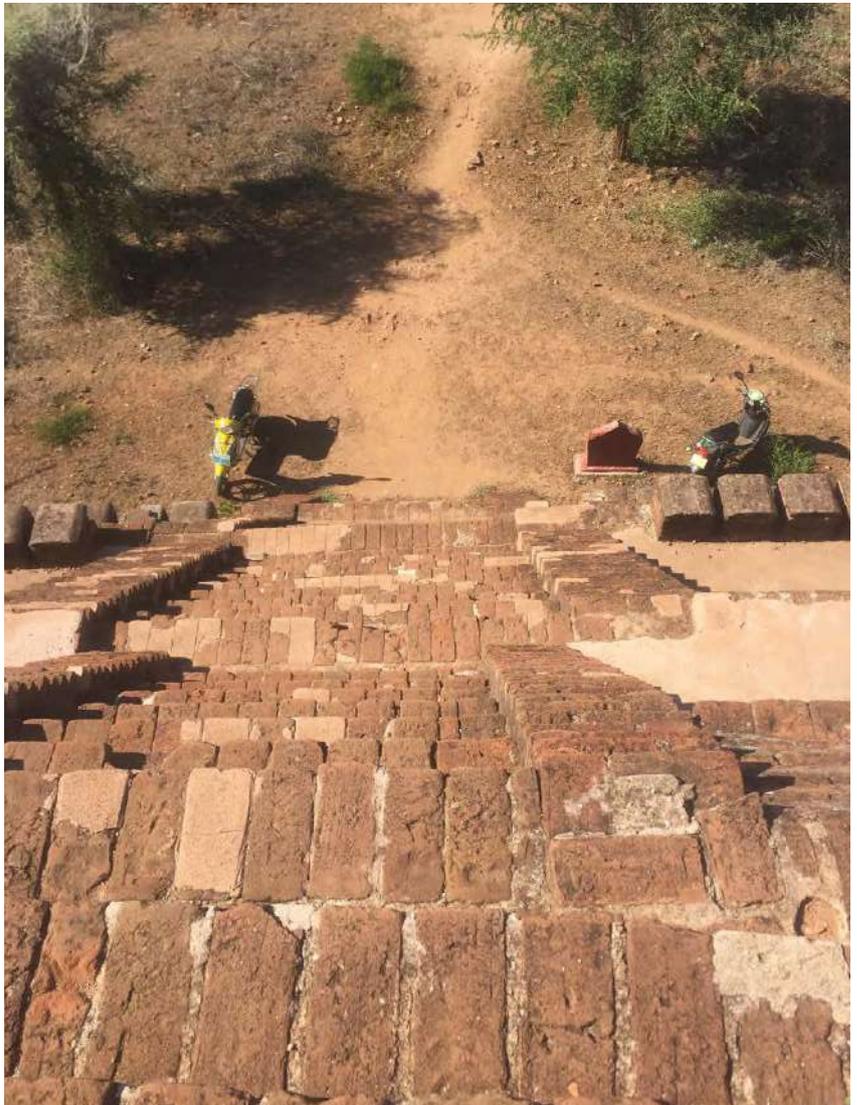
Eles sempre se mostram solí-

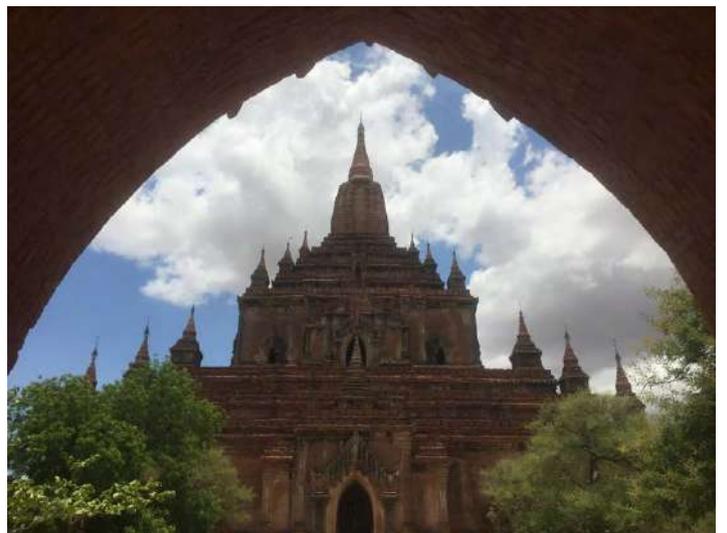
ditos a ajudar, mas você no final tem que comprar algo, ou não, claro. Depois desse episódio ficamos bem atentos para evitar situações, ou seja, não ficar alimentando expectativas alheias de que iríamos comprar algo. Já avisávamos que não iríamos comprar nada, isso funcionava na maioria das vezes.

Às vezes até comprávamos,

se tivéssemos um real interesse, mas não dava pra ficar comprando tudo o tempo todo. Tínhamos que ter pouca bagagem, pois havia ainda uns oito trechos internos para viajar e ficar carregando e pagando mala não dá, né?

Alguns pagodes mais famosos de Bagan: Ananda, Dhammayan-gyi, Sulamani e muitos outros lindos e emocionantes.





CLIMA

O calor de Bagan é indescritível! Vimos no marcador da nossa bicicleta elétrica nada menos que 52 graus! Isso mesmo, 52 graus!!!

Rodamos o dia inteiro pelo mar de templos de Bagan! O dia inteiro molhados e felizes por viver tudo aquilo! A energia que emana de Bagan é indescritível! A religiosidade e a simplicidade do povo de Myanmar nunca mais saíram da minha memória e do meu coração.

No outro dia pela manhã partimos para nosso último destino em Myanmar, Yangon e seu imponente Pagode Shwedagon, o maior de Myanmar, mais lindo e dourado !

Nosso voo saiu cedíssimo de Bagan e foi baixinho, assim pudemos ver muitos e muitos templos

de cima. Realmente Myanmar é um país fascinante, inexplorado e de muita religiosidade! Tínhamos apenas algumas horas em Yangon e nosso objetivo era conhecer o pagode e voltar ao aeroporto. Nosso voo para Bangkok partia no final do dia.

Tudo nessa viagem tinha sido cronometrado para visitarmos o maior número de países e lugares. A sede pela exploração era imensa! Nossa primeira vez na Ásia! Talvez ou com certeza (rsrs) eu não faria isso novamente, hoje minha vibe é ficar mais tempo e conhecer melhor os lugares, mas nem sempre foi assim.

Toda vez que me perguntam sobre a melhor viagem ou melhor destino e sempre Myanmar é o pri-

meiro nome que me vem à cabeça. Por quê? Por Bagan e seus templos. Pela religiosidade e a situação do povo. Por ser pitoresco, fora de roteiros comuns. Por ser difícil de chegar. Por ser diferente e inusitado! Por emocionar! Ahhh, Myanmar nos emocionou desde o começo e é um dos lugares do mundo que quero muito, muito voltar!

Foram três dias incríveis, intensos e que me fazem chorar sempre que vejo fotos ou relembro as aventuras na aridez das terras de Bagan!

Para mais dicas de viagens e curadoria dos lugares mais incríveis do mundo, me siga lá no Instagram!

Grande abraço e até mês que vem!





MILENA NEVES

milaneves@icloud.com



WORK

Home Office & Elegância

Era uma manhã de segunda, com resquícios de carnaval passado que março sempre carrega. Meu ex-sócio, aficionado por tecnologia, marcava nossa primeira reunião 100% on-line, com cada componente falando de sua casa.

Em necessidades já havidas, em tempos não pandêmicos, usávamos o Skype. Mas ali, naquela primeira segunda feira de pandemia, parecia já haver um cardápio novo e bem extenso de plataformas possíveis.

Lembro de termos trabalhado via zoom na segunda, Meet na terça e Teams na quarta. Lembro que tudo funcionava perfeitamente, salvo os pitorescos barulhos de casa vazando pelos microfones, as roupas causais engraçadas e, lógico, os planos de fundo nada pessoais.

Com cerca de trinta dias, eu já havia feito duas sessões de (muito) vinho com amigas via zoom, e muitos aniversários de família com aquele barulhento e confuso “parabéns pra você” em janelinhas. Quem nunca?

Ainda, o inesquecível e emocionado adeus virtual ao meu amado escritório, de onde decidi me desligar em plena pandemia, realizando uma cerimônia de despedida via zoom, com janelas compartilhando lágrimas sinceras. Ali se encerrava uma carreira de 16 anos. Sim, as emoções, palavras de gratidão e abraços foram virtuais.

Numa manhã ou duas, já havíamos acelerado a revolução digital em alguns anos. Meu marido, com sessenta dias de pandemia, já vagava on-line por um congresso inteiramente virtual, com salas de palestra, de bate-papo e network perfeitamente estruturadas em uma tela.

(Re)estruturações domésticas para o home office implementadas em cada casa, mas e quem não tinha uma bela estante de livros para levantar o currículo atrás de si, fazia o quê?

Eu não tenho. Meus livros estão espalhados pela casa toda, sem efeito estante cheia, e sou adepta do Kindle. Para não ficar para trás, optei pela arte. Uma bela tela com história para contar, uma escultura antiga e os dicionários do meu avô formataram meu plano de fundo, mantido até hoje.

Sei que você, como eu, já flui naturalmente entre janelas on-line. Ainda assim, creio que podemos conversar sobre elegância e gentileza em encontros virtuais. Vamos a dez regras e, como sempre, começarei pelas menos óbvias, para prender vocês comigo na leitura.



Ilumine-se!

Um rosto bem iluminado emanará discursos mais seguros e transmitirá confiança. O discurso que vier de uma imagem escura ou com sombras em tela já nascerá fraco. Quem confiará no “mensageiro das sombras”? Se preciso, invista em um ring light.

Nota 1:

a luz boa é a que vem de frente para você. A que vem de cima fará sombras em seu rosto e olhar. Um ring light atrás da sua câmera será de imensa valia.

Nota 2:

limpe sua câmera com papel tipo lenço antes de cada reunião. Ela sempre conterà um pouco de poeira ou gordura, sabotando sua imagem.



Cuidado com o nome registrado no seu aplicativo de reunião. Ele ficará no rodapé da sua imagem e todos verão. Nada de apelido dos tempos da criação do Skype ou das salas de jogos, e nada de usar a conta emprestada da mulher, marido ou filho. Nome e sobrenome limpos e corretos, sem emojis ou números inexplicáveis. E nada de títulos, ok? É um aplicativo de reuniões, e não um currículo. Guarde o Doutor(a) para naturais e espontâneas verbalizações.

Quando não estiver falando, feche seu microfone para evitar que ruídos, por menores que

sejam, vazem. Até o ruído mínimo de um refrigerador ligado é incômodo ao vazar para uma sala de chat via um microfone que deveria estar silenciado.

Salvo casos de muita intimidade, não faça comentários sobre NADA que componha a imagem do seu interlocutor. Ele está em casa, parte da casa dele está aparecendo para você em câmera, mas você não foi convidado para aquela casa. É uma reunião remota, ponto final. Não elogie a decoração, não pergunte sobre itens, considere, apenas, a pessoa que ali está.

Foco na reunião

Para o efeito olho no olho do interlocutor, ao falar, olhe para a câmera, e não para a tela. Enquanto estiver ouvindo, olhe na tela, mas nada de abrir outras janelas e perder o foco. Todos perceberão seus olhos passeando por janelas aleatórias. A falta de foco é facilmente notada.

Não boceje, não espreguice, não olhe o relógio e não faça nada que não faria pessoalmente. E, cuidado! Câmera não é espelho. Nada de ficar arrumando cabelo e maquiagem em tela.

Seu plano de fundo deve ser o mais impessoal possível. Não é interessante abrir a intimidade de sua casa para estranhos. Não tem uma estante bonita ou uma tela legal na parede? Uma parede branca será sempre melhor que partes do seu quarto ou cozinha.

Roupas adequadas da cabeça aos pés, pois sempre há o risco de você precisar levantar-se de repente e mostrar a parte de baixo para a câmera. Nada de andar na corda bamba aí!



Tudo pronto?

Finalize com um sorriso gentil no rosto, brilho no olhar, carisma e as exatas emoções que você gostaria de emanar se presente estivesse. Sim, a câmera captará absolutamente tudo!

LUIZ TADEU

A VIDA
COMO ELA É



BUSCO NAS LETRAS
INESQUECÍVEIS DE
NELSON RODRIGUES O
INÍCIO PARA CONTAR
SOBRE A VIDA DE
SUPERAÇÃO DESTE
GENTIL, INTELIGENTE
E GUERREIRO
BRASILEIRO QUE
VIAJA O MUNDO COM
SUAS INSEPARÁVEIS
COMPANHEIRAS:
MULETAS. DEPOIS
DE MUITO RELUTAR
EM ACEITAR A NOVA
VIDA APÓS GRAVE
ACIDENTE NO RN,
LUIZ THADEU NUNES
DECIDIU APROVEITAR A
VIDA COMO ELA ESTÁ.
E AINDA GNHAMOS O
PRIVILÉGIO DE UMA
BELA CRÔNICA SUA,
QUE SEGUE NESTAS
DOCES PÁGINAS

Por Eliana Lima
Fotos: Arquivo Pessoal

Ele é engenheiro agrônomo, palestrante, cronista e viajante. Ele é Luiz Thadeu Nunes e Silva, um maranhense de 62 anos que já viajou por nada menos que 143 países. E almeja visitar todos deste planeta chamado Terra. Já alcançou o pódio de brasileiro mais viajado do mundo com mobilidade reduzida, segundo o Livro dos Records Brasil.

Pois é, Luiz Tadeu percorre esse mundão de muletas. Sua história de superação começou no Rio Grande do Norte. Foi em solo potiguar que, em 2003, ele sofreu um grave acidente. Tudo aconteceu quando retornava de um trabalho no interior do RN e o taxista que contratou para a viagem foi atender o celular, perdeu o controle do carro e bateu de frente com um caminhão.

O agrônomo maranhense sofreu fratura exposta do fêmur. Começou uma longa viagem por salas de cirurgia. Passou por 43 procedimentos, acompanhados de algumas complicações ao longo de quatro anos de tratamento, sem andar, entre o RN, Maranhão e São Paulo. Período em que se autoexilou. Rejeitava os pinos colocados para preservar o osso e completar

o tratamento. Depois passou a se locomover em cadeira de rodas, por um tempo menor. Mas os “ferros horríveis” colocados em sua perna traumatizavam-o.

Até que chega a decisão de trocar o isolamento pelo passaporte. Resolveu usar a sua história como superação e conhecer o mundo, a partir da insistência de um dos filhos para visitá-lo em Dublin, na Irlanda, onde estudava inglês. Com a esposa Heloísa Helena, planejou a primeira de muitas viagens, começando por oito países da Europa. Foi o pontapé para descobrir que a vida de muletas não era tão terrível quanto imaginava. Seguiu o lema que viajar é preciso! E aceitar a vida como ela está.

E passou a viajar sozinho “por todo esse mundão”. Com suas inseparáveis muletas, segundo ele, conheceu as Américas, a Europa, Ásia, África e a Oceania. Ainda falta pisar na Antártida, para onde já tem projetos de chegar. E em janeiro a viagem será pelas páginas. Escritas. Luiz Tadeu vai lançar um livro em que conta suas experiências. Páginas, diga-se, que ele já é tarimbado. De contar sua louvável história em muitas entrevistas e crônicas.

O CONTATO

Para minha gratíssima surpresa, eis que no último dia 15 recebo uma mensagem de Luiz Tadeu. Informou que viu meu contato na GoRead, a maior plataforma de revistas digitais do Brasil, em que estamos hospede-

dados. Apreciei nossas páginas. Nas nossas conversas, esse gentil e bravo viajante do mundo aceitou o convite para escrever essa bela crônica – abaixo – para as nossas doces páginas, sob o título “*Nunca deixe de sonhar*”.

Por Luiz Thadeu Nunes e Silva

Tarde de sexta-feira, telejornal com o noticiário entre o triste e o tétrico, mostrando o placar crescente e sinistro com número de óbitos por causa da Covid-19, seguido de nossa corrupção endêmica, sistêmica e epidêmica de cada dia. Assisto por vício, já que sinto o mal que faz mal para a saúde mental. Tenho falado com muitas pessoas que deixaram de acompanhar o noticiário para não adoecerem. Sou viciado em notícias, assino 228 revistas e jornais brasileiros. “E, você ler todos?”, me perguntam sempre. “Claro que não”, respondo. Como fazem parte das plataformas que assino, tem para todos os gostos: revistas semanais, as mensais masculinas, revistas sobre pássaros, Femininas, Decoração, Economia, Cinema, e por aí vai.

Quase sempre após o término do telejornal desligo a TV para siesta, mas resolvi ficar com o televisor ligado, e na “Sessão da tarde”, o filme era “À procura da felicidade”, um filme que já assistira antes, na telona, quando de seu lançamento.

Estrelado por Will Smith que contracena com seu filho, Jaden Smith, “À procura da felicidade”, baseado em fatos reais, conta a história de Chris Gardner.

Chris enfrenta sérios problemas financeiros e Linda, sua esposa, decide partir, após sucessivos fracasso dele. Ele agora é pai solo e precisa cui-



dar de Christopher, seu filho de 5 anos. Chris tenta usar sua habilidade como vendedor para conseguir um emprego melhor, mas só consegue um estágio não remunerado. Seus problemas financeiros não podem esperar uma promoção e eles acabam despejados. Chris

e Christopher passam a dormir em abrigos ou onde quer que consigam um refúgio, mantendo a esperança de que dias melhores virão. A cena em que pai e filho se refugiam no banheiro do metrô, para dormirem, é ilustrativa dos perrengues que passam por falta de dinheiro.



Contas atrasadas, cobrança de credores, preocupação com o bem estar do filho, falta de parceria da companheira, fracasso nas vendas do equipamento hospitalar e falta de oportunidades, foram algumas das sérias dificuldades vividas por Chris.

Lançado em 2007, do diretor italiano Gabriele Muccino, o filme é uma verdadeira lição de vida. Ensina que nunca devemos desistir de nossos sonhos, e traduz a importância da persistência e resiliência, diante de situações e circunstâncias extremas.

Ambientado na linda São Francisco, Califórnia, uma das mais belas cidade que já visitei, mostra a cidade de diferentes tomadas.

Todo mundo que trabalha sabe o quanto é bom sentir-se produtivo e atuante. À Procura da Felicidade é um filme que fala desse sentimento de completude e que pode ser sentido com ainda mais vigor por quem já passou por momentos de profundo desalento e privação. ... Todos nós passamos por algumas dificuldades ao longo da vida, o que cria uma empatia com a história de Chris Gardner.

Tudo mudou quando Gardner virou estagiário em uma corretora de valores e subseqüente contratação pelo banco de investimento Bear, Stearns & Co. Chris começou a empreender em 1987, quando fundou a própria corretora e começou a fazer palestras e a escrever livros para estimular as pessoas a buscarem os seus sonhos.

Conselhos de Chris Gardner, que hoje, como empresário bem sucedido e milionário viaja o mundo dando palestras.

Sonhe. “Se é para realizar os seus sonhos, o primeiro passo é ter um. “O que eu faço é encorajar as pessoas a terem sonhos e correr para realizá-”Tenha um plano A. “Não é qualquer plano A, é O plano A”. Isso demonstra que você tem um planejamento, que deve ser claro, conciso, convincente, consistente e comprometido”.

“Coloque o plano em prática

todos os dias. Com o plano elaborado, o passo seguinte é colocá-lo em prática diariamente, mesmo se for na velocidade de uma tartaruga. Mas, nunca parado”.

Nunca fale dos seus planos: “Nunca diga a ninguém o que você está planejando.” Ele argumenta que, quando as pessoas ouvem a respeito, fazem perguntas que nem sempre você está pronto – ou quer – responder. Além disso, a recomendação é que, sempre que tiver uma ideia, a coloque no papel – e não nas redes sociais”.





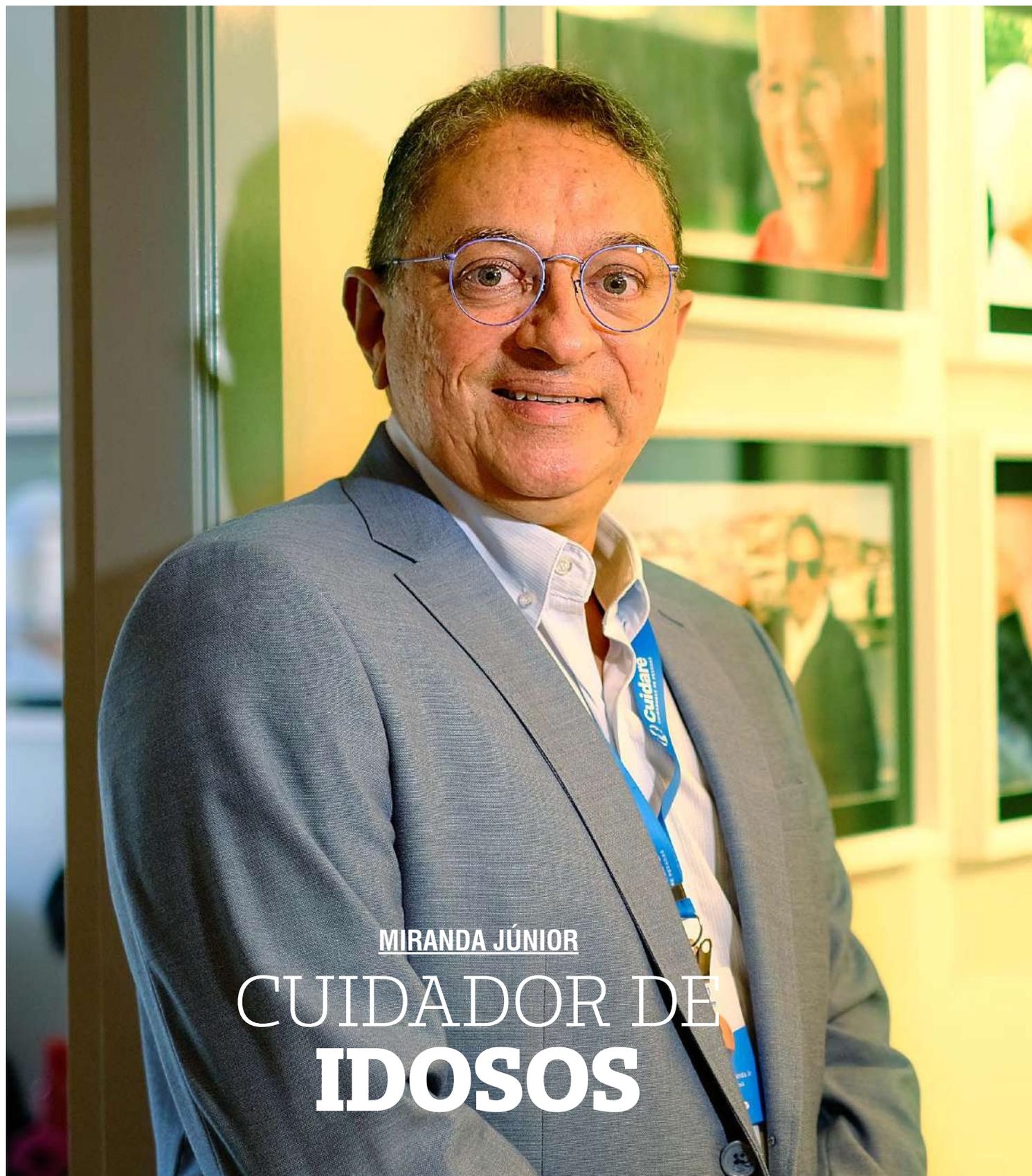
“Tenha o espírito preparado para mudanças: Todos passam por dificuldades e isso faz parte do “espírito de mudança”. No passado as pessoas enfrentavam obstáculos maiores diante de um número menor de oportunidades e, mesmo assim, muitas delas conseguiram realizar seus

objetivos. Correndo atrás, hoje qualquer um também pode”

Caro leitor, vou lhe contar um segredo: aos 62 anos continuo um sonhador incorrigível, só cheguei aqui, pois sai da zona de conforto para realizar meus sonhos. Sou especialista em perrengues, tamanhos fo-

ram os tombos que levei. Viver é tão somente isso, rasgar-se e cingir-se, sempre.

Todos os dias, invariavelmente, reservo 15 minutos para sonhar, é a hora do devaneio. Os sonhos são a minha matéria prima. Os sonhos nos empurram para frente.



MIRANDA JÚNIOR
CUIDADOR DE
IDOSOS

APRECIADOR
DA VIDA QUE
COMEÇA E DA
QUALIDADE
EM TODAS
AS IDADES, O
EMPRESÁRIO
MIRANDA
JÚNIOR DECIDIU
INVESTIR NO
ZELO E NO BEM-
ESTAR DA VIDA.
COM CUIDADO. E
ASSIM NASCEU
A CUIDARE,
UMA EMPRESA
POTIGUAR QUE
CONSQUISTOU O
BRASIL E HOJE
É A SEGUNDA
MAIOR DO
SEGMENTO NO
PAÍS

Por Aura Mazda
Fotos: Cícero Oliveira

Colocar profissionais capacitados e preocupados com o bem-estar de familiares que precisam de uma dose extra de cuidados é um gesto de amor. Com esse propósito, o empresário Miranda Júnior e sua esposa, Izabelly Miranda, lançaram há sete anos no mercado a Cuidare Natal, especializada em cuidar de pessoas com qualquer necessidade especial, desde bebês até idosos.

A empresa, 100% potiguar, hoje é a 3ª maior franquia do Brasil, com sede no Nordeste, de acordo com a ABF - Associação Brasileira de Franquias e a segunda maior do ramo do país, apesar de apenas cinco anos de existência da franquia. São mais de 70 unidades distribuídas em 22 estados brasileiros. O grupo é formado por mais de dois mil cuidadores, todos com formação mínima em Técnico de Enfermagem, aptos a fazerem os primeiros socorros, e centenas de pessoas sendo assistidas pelos serviços da Cuidare.

Com empatia, profissionalismo e, sobretudo, humanismo, a Cuidare oferece profissionais capacitados para um público variado: pessoas com mobilidade reduzida, crianças, mulheres em pós-parto, pessoas com alguma deficiência mental, idosos com doenças ou até mesmo os saudáveis que precisam apenas de companhia para desenvolver atividades simples do dia a dia. Os cuidados especiais possibilitam um grande salto de qualidade de vida

proporcionados pela presença dedicada de um cuidador.

A veia empreendedora sempre fez parte da história do empresário Miranda Júnior, que, desde muito cedo, dedicou-se aos estudos, com duas formaturas, pós-graduação, sete cursos no exterior, e a se diferenciar no mercado, abrindo sua primeira empresa, uma escola de inglês, aos 23 anos. Há sete anos, ele e Izabelly viram a oportunidade de colocar em prática os ensinamentos que ambos tinham adquirido.

“Fiz um breve estudo de mercado e constatei que era promissor. Foi um passo ousado, pois na época eu estava em sala de aula, onde ministrava aulas de inglês instrumental e, pouco depois, larguei tudo para me dedicar integralmente à empresa”, conta Miranda, que hoje administra a Franqueadora e ministra palestras sobre empreendedorismo por todo o Brasil.

Três anos após a inauguração da Cuidare em Natal e com o *know-how* adquirido, tomou a decisão de formatar o negócio para o sistema de franquias, expandindo a marca para todo o País. “Preparei-me bastante, fiz cursos e consultorias em São Paulo, pois sabia que não seria fácil para uma franquia potiguar conseguir disputar com quatro concorrentes do Sul e Sudeste do país, e hoje posso dizer que tive êxito, sendo, em pouco tempo, a segunda maior empresa de cuidadores do Brasil e, em mais um a dois anos, acredito que seremos a maior”, comemora.

FORMATO

Aos franqueados são oferecidos treinamento prévio, suporte diário e acompanhamento constante por meio de um *software* de acesso direto com os clientes. O candidato à franquia deve pensar como gestor, participar da operação e ter visão global do negócio. “Buscamos por profissionais com boa vontade de empreender e crescer na vida, além de proatividade para desempenhar todas as funções inerentes

à unidade franqueada”, explica Miranda Júnior.

Para muito além dos números impressionantes, a Cuidare se destaca pela qualidade dos serviços prestados com o grande diferencial de serem humanizados, sem mecanização dos serviços. “Essa qualificação faz toda diferença. Somos a única empresa do Brasil em cuidados de idosos que não possui nenhuma queixa no Reclame Aqui”, diz.





A qualidade dos serviços oferecidos também se traduz no retorno de clientes satisfeitos, como é o caso da professora de Direito Érika Pegado. “Cuidar de quem amamos quando este familiar envelhece e precisa de atenção constante nem sempre está ao nosso alcance, por diversas questões. Assim, eu e meu irmão conversamos e pesquisamos muito antes de decidirmos quem cuidaria da nossa mãe. Estamos gratos por sabermos que ela está bem cuidada e, principalmente, acolhida com profissionalismo, sem perder o toque de humanidade. Este é o diferencial da Cuidare. Parabéns”, considera.

Não à toa, a Cuidare Brasil tem o reconhecimento atualmente de fazer parte da ABF - Associação Brasileira de Franquias e teve o privilégio de ser escolhida pela PEGN - Pequenas

Empresas e Grandes Negócios, através de pesquisa, como uma das Melhores Franquias do Brasil em 2020. “Um orgulho para a Cuidare”, desmancha-se Miranda Jr.

“Estamos gratos por sabermos que ela está bem cuidada e, principalmente, acolhida com profissionalismo, sem perder o toque de humanidade. Este é o diferencial da Cuidare. Parabéns.”

ÉRIKA PEGADO, professora de Direito



O SACERDOTE EXORCISTA

Padre José Mário integra o seleta grupo de 20 religiosos do Brasil habilitados pelo Vaticano para expulsar espíritos malignos de pessoas possuídas

Por Octávio Santiago
Fotos: João Neto

“O MINISTÉRIO DE EXORCIZAR os atormentados é concedido por peculiar e expressa licença do Bispo diocesano a um sacerdote que se distinga pela piedade, ciência, prudência e integridade de vida e especificamente preparado para esta função”. No Rio Grande do Norte, só há um sacerdote detentor da licença e que atende às exigências do livro vaticano “Ritual de Exorcismos e Outras Súplicas”, o Padre José Mário. Ele integra o tímido grupo de 20 religiosos do Brasil habilitados pela Igreja Católica para realizar o ritual de expulsão de espíritos malignos de uma pessoa em estado de possessão demoníaca e faz um alerta: “o mal está a cada dia mais sofisticado”.

O livro em questão, de capa dura vermelha, promulgado por autoridade do Papa João Paulo II, é uma constante companhia do Padre José Mário. Tem sido assim nos últimos 12 anos, quando ele atendeu o chamado do Arcebispo Dom Jaime para iniciar tal missão. “O padre exorcista é muito exposto a certas forças, por isso não há muitos. Quando termino o ritual, estou exausto, com as energias sugadas”. Cerimônia que, segundo o clérigo, Hollywood reproduz com muita fidelidade, estando filmes como o campeão de bilheteria “O Exorcista” mais próximos da realidade do que da ficção.

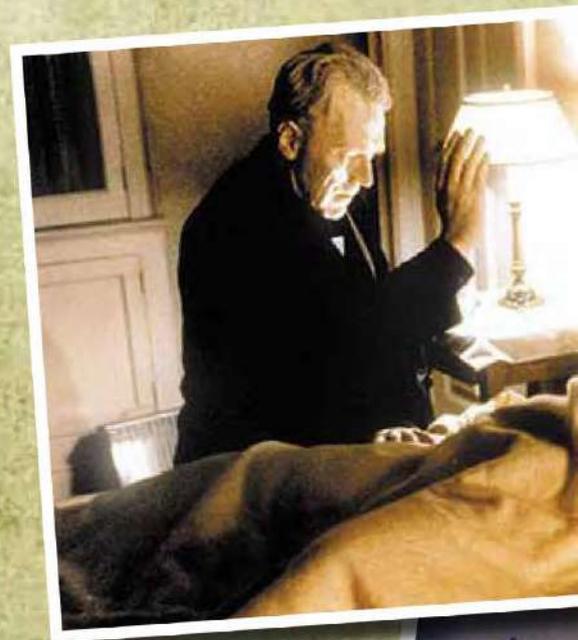
Padre José Mário conta que as pessoas possuídas mudam de comportamento subitamente quando as orações são iniciadas. Também é comum que elas comecem a pronunciar palavras para qualificar Jesus Cristo, a quebrar objetos religiosos ou a se autodenominarem serpentes. Sempre que recebe o chamado, o sacerdote se prepara adequadamente, levando o livro vermelho em mãos, de onde são extraídos dizeres e orações utilizados durante o ritual. “Com temor e tremor, invoco, humildemente, o vosso nome santo para que eu possa enfrentar confiante o espírito maligno”.



Padre José Mário

Depois do aprontamento inicial, a segunda etapa é a bênção da água. Em seguida, o padre realiza a invocação de todos os santos, pedindo a proteção de cada um deles para o ritual. A quarta etapa é a recitação do credo. Na sequência, há a importante renúncia a Satanás. Quando o possuído não tem condições de fazê-la, o sacerdote diz que os familiares respondem por ele. Um Pai Nosso é rezado e então é dado início ao exorcismo em si, com as orações extraídas do livro, que pode acontecer pelas fórmulas depreciativa e imperativa, esta utilizada em situações de maior gravidade.

Os chamados estão cada vez maiores. De acordo com o Padre José Mário, a razão para o aumento está no fato de as pessoas estarem cada vez mais afastadas de Deus. “As pessoas não procuram o demônio, mas se distanciam do bem”. Para ele, avanços tecnológicos e científicos têm ajudado no que o sacerdote chama de “a sofisticação do mal”. “Quem quer ser diabólico, encontra mais meios hoje”. Além disso, o sacerdote afirma que o staff do demônio é bastante organizado. “Ele tem muitos secretários”. Outro fator para a demanda crescente estaria no fato de haver um número considerável de ritos de magia negra em Natal. “Cultos ao mal são frequentes por aqui”.





Momento em que o padre Max von Sydow exorciza o demônio de Linda Blair, no filme *O Exorcista*, que em 2013 completou 40 anos de lançamento



Os rituais coletivos de exorcismo acontecem no primeiro domingo do mês, sempre às 15h, no Eremitério, localizado em Macaíba, e reúne cerca de 1000 pessoas. Algumas delas iniciam um jejum 12 dias antes para que “as pessoas possam se libertar”. A Igreja Bom Jesus das Dores, no bairro da Ribeira, da qual o padre é o pároco, deixou de ter as cerimônias depois de uma exposição equivocada de parte de uma delas nas redes sociais. Porém, os chamados para atendimentos domiciliares não tem dia nem hora marcados. O livro de capa vermelha é sempre acessado quando familiares aflitos ligam para o padre em busca de socorro espiritual.

O número reduzido de religiosos licenciados e a notoriedade do Padre José Mário já o deslocaram para outros estados nordestinos, como Ceará e Piauí, com a finalidade de realizar exorcismos. No Piauí, inclusive, o sacerdote protagonizou uma história engraçada. Durante um ritual coletivo, houve apenas a manifestação de uma única senhora. O Bispo local então o perguntou por que a ocorrência teria sido tão pequena. Padre José Mário respondeu, espiritualmente: “o demônio é esperto, ele procurou se informar se havia algum lugar na Terra mais quente que o inferno”.

Igualmente quente, o interior do Estado, no entanto, tem sido cenário de rituais coletivos com várias manifestações. Em Currais Novos, por exemplo, seis mulheres já se manifestaram ao mesmo tempo, durante a realização de uma cerimônia. “Estavam normal, mas quando iniciiei as orações, elas reagiram”. Fatos semelhantes já aconteceram em outros municípios seridoenses e também em Natal. “Alguns casos são mais nítidos, outros mais leves e é preciso iniciar o ritual para percebermos em quem há a possessão. A verdade é que o mal está presente em todos os lugares”.

Quase assassinado

Padre José Mário viajou ao Chile em 2004. Durante visita à Catedral Metropolitana de Santiago, minutos antes de ser iniciada uma celebração, ele pediu para que um dos voluntários que ajudavam na organização da igreja questionasse ao pároco se eles poderiam celebrar a missa juntos. Antes mesmo de o voluntário entrar na sacristia e fazer a pergunta, o sacerdote voltou atrás, pois lembrou que no dia seguinte haveria as celebrações em consagração a São Tiago, o padroeiro local, e seria mais interessante se ele pu-

desse participar da missa solene. À noite, no hotel, Padre José Mário ligou a televisão e, perplexo, assistiu à reportagem que tratava do assassinato do colega religioso Faustino Gazziero de Stefani, com quem celebraria a missa na Catedral. O padre foi morto a facas por um jovem ligado a um grupo satânico. No teor do depoimento do assassino a polícia, citado na matéria da televisão, uma declaração que deixou o sacerdote potiguar ainda mais intrigado: “fui matar dois padres, mas o outro não estava lá”.

O padre

Padre José Mário é caicoense e trabalhou cinco anos com o Papa João Paulo II, como tradutor de documentos. O seu relacionamento com o Vaticano continua estreito e periodicamente ele retorna até lá para participar de atualizações, com a presença de religiosos exorcistas do mundo inteiro.





O paraíso é aqui!

A 28 quilômetros de Natal, à beira-mar da praia de Camurupim, conhecida pelas suas piscinas naturais, fica o Colmeia Chalés, perfeito para momentos de lazer e relax.

São chalés para seis e quatro pessoas, totalmente equipados para se sentir em casa, inclusive área de serviço e quintal.

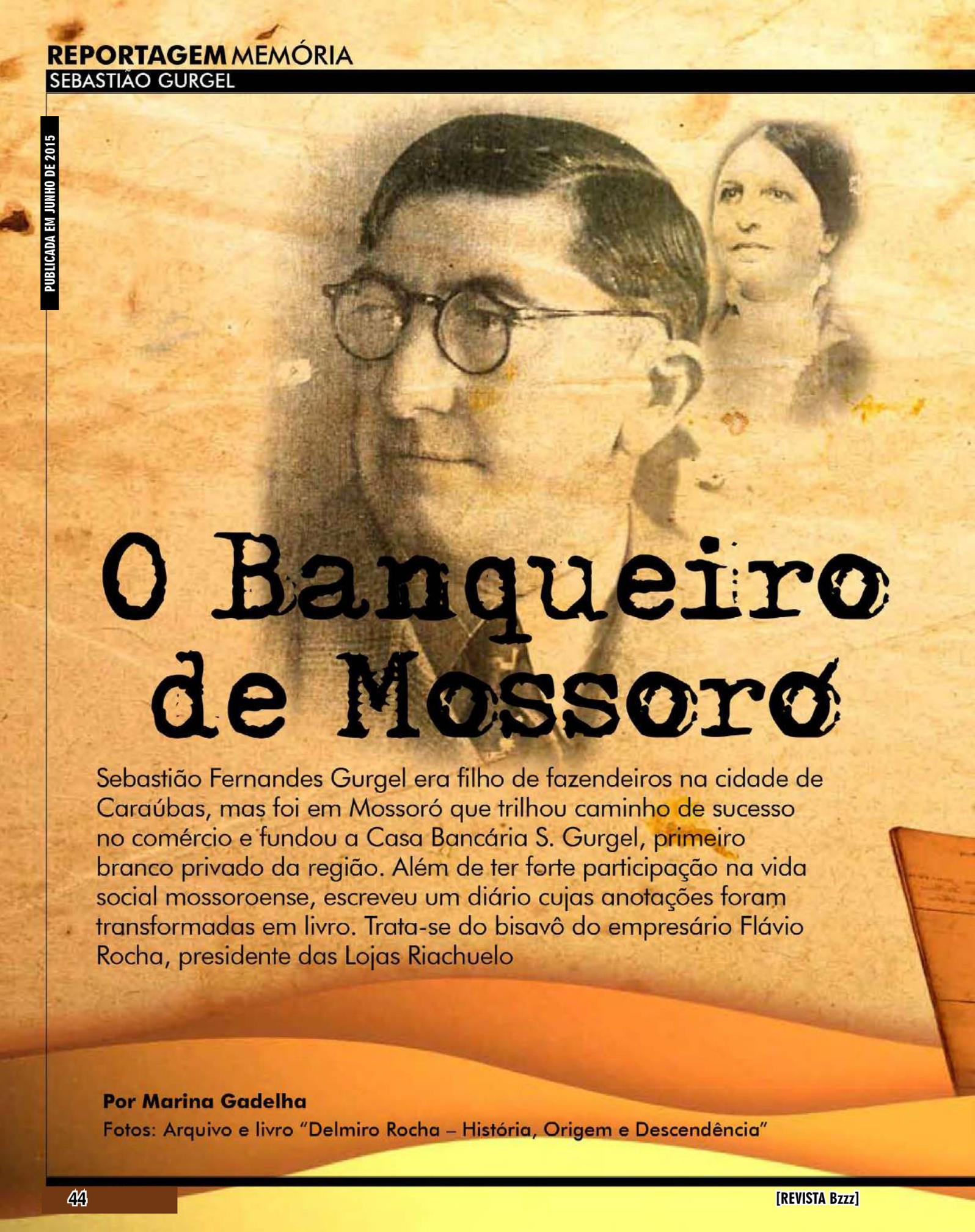
Para o lazer, piscina, churrasqueiras, salão de jogos, redário, pranchas de surfe com remo. Oferece estacionamento privativo coberto e a água totalmente filtrada.



Praia de Camurupim - Nisia Floresta / RN

(84) 99962-3991

www.colmeiachales.com.br



O Banqueiro de Mossoró

Sebastião Fernandes Gurgel era filho de fazendeiros na cidade de Caraúbas, mas foi em Mossoró que trilhou caminho de sucesso no comércio e fundou a Casa Bancária S. Gurgel, primeiro banco privado da região. Além de ter forte participação na vida social mossoroense, escreveu um diário cujas anotações foram transformadas em livro. Trata-se do bisavô do empresário Flávio Rocha, presidente das Lojas Riachuelo

Por Marina Gadelha

Fotos: Arquivo e livro "Delmiro Rocha – História, Origem e Descendência"

NO INÍCIO DO SÉCULO XX, um homem visionário deixou a vida pacata e farta na fazenda da família em Caraúbas, interior do Rio Grande do Norte, para buscar outros caminhos na cidade de Mossoró. Foi no segundo maior município do estado que Sebastião Fernandes Gurgel se aventurou no mundo dos negócios e, apesar da pouca instrução, chegou a criar o primeiro banco privado da cidade. Também foi na chamada capital do Oeste que o empreendedor casou-se com Elisa Diniz Rocha, e com ela criou os seis filhos, Judilita, Maria José, Sebastião Filho, José, Raimundo e Francisco Mauro da Rocha Gurgel. Apesar da extensa família e dos negócios para administrar, Sebastião ainda encontrava tempo para escrever em seu diário particular, cujas páginas foram transformadas em livro e servem de fonte para pesquisas de acontecimentos importantes na história de Mossoró e do Brasil.

Nascido no dia seis de fevereiro de 1889 na fazenda “Baixa Fria”, em Caraúbas, Sebastião mu-

dou-se para Mossoró em julho de 1910, onde criou a firma S. Gurgel & Cia., um grande empório de tecidos vendidos em atacado e a varejo. O filho Raimundo Gurgel, hoje com 91 anos de idade, lembra que na época a empresa abastecia o comércio do Rio Grande do Norte e da Paraíba, e para atender ao mercado promissor seu pai fazia constantes viagens de navio até o Rio de Janeiro. Foram em média 25 idas e vindas à Cidade Maravilhosa, partindo sempre de Areia Branca, na região da Costa Branca.

“O negócio ia além de tecidos, pois meu pai trazia todo tipo de mercadoria para vender aos clientes: louças, ferragens, materiais de construção, entre outros. Recordo, inclusive, que uma vez ele trouxe dois mil sapatos franceses”, diz o quinto filho do empreendedor que manteve esse ramo de atividade por longos anos, mesmo depois da enchente do Rio Mossoró, em 1924, quando seu estabelecimento foi ameaçado de desmoronamento. Após o ocorrido, Sebastião “reformou todo o prédio da Rua Vicente Sabóia e Praça Rodolfo Fernandes, reinaugurando

com pomposo acontecimento para a cidade”, narra Fernando Diniz Rocha no livro “Delmiro Rocha – História, Origem e Descendência”, escrito em parceria com o pesquisador Misherlany Gouthier.

Na década de 1940, o comerciante decidiu inovar mais uma vez e assumiu o posto de banqueiro com a fundação da Casa Bancária S. Gurgel, inaugurada em 1º de maio de 1942. Permaneceu à frente do negócio até 1960, quando se mudou para Natal e passou os últimos anos de sua vida. Raimundo ficou no lugar do patriarca e deu continuidade à administração do empreendimento que surgiu a partir da credibilidade depositada pelos mossoroenses em Sebastião. “Ele era 100% honesto e cultivava a estima da comunidade. Muitos entregavam suas economias para meu pai administrar, com o tempo esse dinheiro avolumou-se e levou à criação da casa bancária, que depois foi transformada em banco por medida da Superintendência da Moeda e do Crédito, hoje Banco Central do Brasil”, compartilha o herdeiro.





Casa Bancária S. Gurgel, em 1946

Os anos de funcionamento foram prósperos, tanto que em 1970 abriram uma filial em Natal, na Avenida Princesa Isabel, Cidade Alta. O ato foi considerado pioneiro, pois antes mesmo de algum banco da capital chegar ao interior, o S. Gurgel instalou-se no centro da capital potiguar. Na mesma década, a empresa foi vendida para o Banco Econômico S/A, natural da Bahia, que desejava expandir os negócios para o Rio Grande do Norte. Após a venda do negócio familiar, Raimundo Gurgel manteve o trabalho de banqueiro na cearense Credmus S/A. Ele foi o único a seguir a carreira do pai, enquanto os outros irmãos rumaram para outras profissões. Sebastião Gurgel Filho, por exemplo, formou-se em Direito e ocupou o cargo de procurador do Estado do RN, enquanto Francisco Mauro tornou-se médico.



União Caixaerial, em 1954

Vida pública

O comerciante e banqueiro participou ativamente da vida social mossoroense desde que começou a morar no município. Nos primeiros dias após a mudança, associou-se ao Instituto Literário 2 de Julho, e em agosto de 1910 tornou-se membro do Tiro de Guerra de Mossoró, que tinha como objetivo proporcionar instrução militar à classe de comerciantes. No mesmo mês do ano seguinte, participou da fundação da Sociedade da União Caixaerial, que assistia social e educacionalmente os comerciantes locais. A entidade também foi a primeira instituição de ensino superior profissionalizante de Mossoró, com a Escola Técnica de Comércio União Caixaerial, fundada em 1935, destinada à formação exclusiva de técnicos em Contabilidade. Hoje em dia, o antigo prédio da União Caixaerial, na Praça da Re-

denção, abriga a Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte.

O empresário ainda foi presidente da Associação Comercial e tesoureiro do Hospital de Caridade de Mossoró, cargos que somados aos restantes o levaram a uma posição de destaque na sociedade da época. A popularidade e boa imagem junto aos mossoroenses levaram o também militante político à Câmara Municipal, onde cumpriu pelo menos três mandatos de vereador. Em 1948, candidatou-se a prefeito de Mossoró, mas perdeu as eleições para Dix-Sept Rosado. Já a esposa, Elisa Rocha Gurgel, foi pioneira do processo de conquista dos direitos da mulher pelo voto feminino, ao lado de Beatriz Leite de Moraes, Maria Sílvia de Vasconcelos e Celina Guimarães Viana – primeira eleitora do Brasil e primeiro voto feminino da América Latina.



Catetinho antes e agora: espera-se que o prédio seja transformado em shopping popular

Catetinho

Quem passa pela casa 98 da Praça Bento Praxedes, em Mossoró, até hoje pode ver os traços arquitetônicos originais da construção de 1918, erguida por Sebastião Fernandes Gurgel, que morou no imóvel com a família durante alguns anos e o vendeu em 1929 ao comerciante Miguel Faustino do Monte. Quando ainda era propriedade deste último, o casarão abrigou o então presidente Getúlio Vargas e sua comitiva em 13 de setembro de 1933, durante visita de dois dias a Mossoró, período em que foi instalado na cidade o Governo Provisório da República do Brasil. A partir daí o palacete foi batizado de “Catetinho”, em alusão ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, à época

sede do Governo Federal.

A casa passou para as mãos da família Rosado em 1945, ano em que foi adquirida por Dix-neuf Rosado. Foi lá que o novo dono morou até seu último dia de vida, em 20 de abril de 1986, e onde a esposa Odete permaneceu também até a sua morte, em outubro de 2012. Em matéria publicada Bzzz de dezembro de 2013, o repórter Thiago Cavalcanti lembrou o incêndio que destruiu o casarão em 12 de janeiro de 2000. “Ao ser consultada sobre onde iria querer morar, a matriarca Dona Odete foi enfática: ‘quero continuar morando no mesmo endereço, se for preciso usem todas as minhas economias para reconstruir o Catetinho’. Pedido feito,

pedido aceito. Os filhos contrataram uma construtora e foram quatro meses de obras, dia e noite sem parar. Toda a parte externa da casa foi inalterada, o resto foi reconstruído, o mais próximo do original”, detalha.

O Catetinho ganhou um novo proprietário no ano passado, o empresário Almir Silveira, que pretende abrir um shopping popular mantendo o estilo arquitetônico da construção centenária. Em visita ao imóvel no dia 16 de maio, a jornalista Lúcia Rocha fez registros do início das obras que foram embargadas pela fiscalização ambiental da prefeitura de Mossoró. Por enquanto, o futuro do empreendimento ainda é uma incógnita.

Multiplicadores de riqueza

A veia comercial de Sebastião foi disseminada para as novas gerações, a exemplo do bisneto Flávio Rocha, presidente das lojas Riachuelo, cuja mãe Eliete era filha de Judilita e neta de Sebastião. Ela casou-se com o primo Nevaldo, filho de Paulina Rocha, a qual era irmã de Elisa Rocha. Ambas eram filhas do comerciante Delmiro Alves da Rocha Maia, natural de Catolé do Rocha, na Paraíba, de onde precisou ir embora por causa de tensões políticas. Contraparente do patriarca Jerônimo Rosado, Delmiro buscou abrigo em Mossoró e montou um grande comércio na cidade. Também na terra de Santa Luzia, adentrou na carreira política e assumiu dois mandatos de vereador. Para emaranhar ainda mais essa teia de parentescos, vale destacar que os sobrenomes Alves e Maia presentes no nome dele são, de acordo com o pesquisador Misherlany Gauthier, os mesmos do senador José Agripino.

O tino para o comércio, portanto, foi passado do avô Delmiro para o neto Nevaldo, que saiu da cidade-natal Caraubas com destino ao Recife, onde começou a trabalhar no ramo de confecções. Depois, mudou-se para Natal e iniciou a

vida como empresário em 1947, quando fundou sua primeira loja de roupas chamada “A Capital”, no bairro da Ribeira. Em outubro de 1956, Nevaldo e o irmão Newton Rocha fundaram o Grupo Guararapes, inicialmente uma pequena confecção de vestuário que se expandiu até se tornar a maior da América Latina.

Atualmente, a Guararapes possui cerca de 35 mil colaboradores e produz quase 185 mil peças por dia, totalmente

comercializadas pelas lojas Riachuelo, outro negócio próspero da família que está presente em todos os estados do País. Também proprietário do Midway Mall, o maior shopping de Natal, Nevaldo Rocha é apontado pela revista Forbes como um dos homens bilionários do Brasil. O império construído por ele segue para os filhos Flávio, Elvino e Lisiane, herdeiros do empreendedorismo entre gerações, passando dos bisavôs para os netos e bisnetos.



Flávio Rocha, bisneto de Sebastião, com seu pai, Nevaldo Rocha

Amor e generosidade

Honesto, pacato e amoroso são palavras que resumem as qualidades de Sebastião Gurgel aos olhos do filho Raimundo. Em casa o patriarca era maleável, cultivava um casamento feliz ao lado de Elisa Rocha e preocupava-se com a educação dos descendentes. Ele próprio não tinha muito estudo, mas gostava de ler jornais e livros, assim como ir ao teatro e ao cinema, costumes que o tornaram um homem bem instruído. “Meu pai sempre dizia que ganhava mais que um general, mas não tinha a segurança de possuir um diploma, por isso nos incentivou a estudar”, afirma o sucessor do grande banqueiro que “não era Midas, mas onde colocava a mão fazia o negócio prosperar”, complementa.

A generosidade era outro ponto forte de Sebastião, que ao lado de Elisa encaminhava os parentes para a educação e o trabalho. No livro sobre Delmiro Rocha, escrito por Misherlany Gouthier juntamente com o neto do personagem, Fernando Diniz Rocha, há relatos de que o casal Rocha Gurgel ajudou a família em tempos difíceis. “Elisa e Tião Gurgel foram verdadeiros protetores dos Diniz Rocha até o início de suas atividades comerciais, independentemente”, citam os autores.

Em outra página, Fernando Rocha compartilha que Elisa era

uma grande mulher, considerada uma verdadeira matriarca pela maneira protetora e fundamental com que cuidava dos irmãos e se preocupava com o futuro deles. “Além da pessoa que era, teve na família a sorte advinda do seu casamento com o comerciante e posteriormente banqueiro Sebastião Gurgel, próspero que ao lado da companheira agiu beneficentemente, engrandecendo aos demais familiares pelo encaminhamento na vida social e educativa dos parentes. (...) O sucesso dos Diniz Rocha se deve, em grande parte, à ajuda benevolente do casal Sebastião e Elisa”, ressalta.

Raimundo Gurgel adiciona que a família da mãe era humilde, por isso ela costumava dizer que só se casaria com “homem de loja”, ou seja, alguém que tivesse melhores condições financeiras. Além de concretizar o seu desejo, Elisa ainda teve a sorte de viver um relacionamento harmonioso ao lado de Sebastião. “Meu pai era de um temperamento brando demais. Não levantava a voz, ao contrário da minha mãe, que era mandona. Ele era um verdadeiro ‘manicaca’. Inclusive, na mesa da sala de jantar não era meu pai quem sentava na cabeceira, e sim ela”, recorda o filho do casal. Elisa faleceu em 1968 e Sebastião ainda viveu mais alguns anos. Em 1972, ele partiu para reencontrar o seu grande amor.



Sebastião Gurgel, Elisa, Mariinha, Emílio Castelar e Delmiro Filho, no Rio de Janeiro



Sebastião Gurgel Filho, esposa Suzette e as filhas Sara e Suzana

Memórias imortalizadas

Aos 11 anos de idade, o ainda menino Sebastião começou a escrever acontecimentos do dia a dia em um diário pessoal. Os anos passaram e o hábito continuou, às vezes com um longo tempo de pausa, mas sempre que encontrava tempo e coragem lá estava ele escrevendo as ocorrências das mais simples às mais graves, desde um tratamento dentário até a ameaça dos cangaceiros em Mossoró. Além de narrar fatos históricos do Brasil e do mundo, Sebastião registrava os detalhes da sua vida, como a mudança para Mossoró, o casamento com Elisa, o nascimento dos filhos e a criação da Casa Bancária S. Gurgel. Cada anotação revelava uma nova página de histórias, questionamentos, conquistas e costumes sociais.

Durante a pesquisa de informações para o livro que escrevia, sobre o Banco do Brasil, o pesquisador e ex-bancário Obery Rodrigues tomou conhecimento desse precioso diário, que estava em posse de Ronald Gurgel, neto de Sebastião. As anotações chamaram a sua atenção pela riqueza de detalhes que faziam desses relatos “um documento valioso para a história de Mossoró”, afirma. Obery informou a existência dos escritos a Vingt-un Rosado, que tinha uma fundação com seu nome em Mossoró e transformou o diário de Sebastião Gurgel em seis livros divididos por ano, abrangendo de 1900 até 1966.

O historiador Marcos Oliveira foi o responsável pela digitação dos

manuscritos juntamente com o tio, Raimundo Soares, e compartilha que o trabalho foi bem árduo. “Recebemos uma cópia com algumas partes difíceis de ler, além disso, tivemos que decifrar a letra de Sebastião e a ortografia da época”, compartilha. Entre as anotações que mais lhe chamaram atenção, Marcos cita as relativas a preços de mercado, além de informações sobre as chuvas no interior potiguar que revelam a situação socioeconômica da população em cada época. Sobre a vida pessoal ele destaca o carinho que Sebastião demonstra pela

família, com registros anotados na contracapa do diário de todos os nascimentos dos filhos e netos.

Para Marcos, a obra possui dados que envolvem cultura, sociologia e economia, principalmente das cidades de Caraúbas e Mossoró. “Esse material está disponível para sociólogos, antropólogos e historiadores entenderem o contexto de um indivíduo em determinadas circunstâncias, além dos hábitos sociais e os fatos históricos de Mossoró em diferentes épocas, desde a Primeira República até a era de Getúlio Vargas”, ressalta.



Marcos Oliveira enfrentou o prazeroso desafio de transcreever o diário de Sebastião

Trechos do diário de Sebastião Gurgel

"O coureiro de bode está aqui a 2.300 réis, o de ovelha a 1.200, a rapadura do Cariri a 300 uma, o feijão a 200 réis o litro, o arroz a 160, a farinha a 200 (7 de julho de 1909)



"Convém assinalar nas minhas notas que sou muitíssimo bem casado, desafiando mesmo a quem quer que seja a prova que já troquei a minha palavra ou tive o mínimo desgosto de minha velha companheira" (21 de março de 1915)



"No dia 4 arrumei as minhas malas e fiz minhas despedidas; vi alguém chorando ao apertar-me a mão, que tolce chorar por mim que vou tão satisfeito" (Julho de 1910, quando partiu para Mossoró)



"Em 1906 houve muito bom inverno, havendo muito legume e muito algodão. (...) O ano de 1906 foi muito cheio de desastres, revoluções, moléstias, etc. Os franceses apelidaram o ano de 1906 de "ano doido"



"Apesar de há muito tempo os homens daqui pedirem esmola ao Governo, ele ainda não mandou nada e continua a morrer gente de fome. É preciso que se saiba que houve agora na Itália um terremoto e o nosso governo mandou - para fazer figura - trezentos contos de réis para os flagelados de lá, deixando seus irmãos morrerem de fome. E viva a República! (31 de março de 1909)

GERAÇÃO LANÇA-PERFUME



Na época dos carnavais de rua em Natal, os clubes eram o ponto de encontro de todos os blocos de elite. Neles também aconteciam as maiores festas da sociedade, em uma época efervescente que ficou na memória dos seus frequentadores

Foto: Masao Goto Filho/Folhapress



Por Marina Gadelha



Antiga sede social do ABC, onde hoje é localizado o CCAB Petrópolis

ENTRE AS RECORDAÇÕES DE quem viveu a juventude em Natal até a década de 1980 existem boas histórias dos tempos em que os clubes serviam de ponto de encontro da sociedade potiguar. Era nesses locais onde homens e mulheres desfilavam entre trajes de banho, fantasias e vestidos de gala nos mais diversos eventos, desde os finais de semana na piscina até os carnavais, bailes de debutantes, formaturas, matinês, shows e casamentos. Na lista dos mais conhecidos estão Aero clube, América e Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), ativos até hoje no bairro do Tirol, além da extinta sede social do ABC, que funcionava onde atualmente existe o CCAB Petrópolis, na Avenida Afonso Pena.

O mais antigo deles é o Aero clube, inaugurado em 11 de fevereiro de 1928, palco de grandes festas desde a sua abertura até a década de 1960, quando perdeu espaço para a nova sede social do América – apelidada de “Babilônia do Tirol” pela alta sociedade natalense. O imponente prédio americano foi construído ao lado da antiga sede, no mesmo terreno da Avenida Rodrigues Alves, e abriu as portas no dia 14 de julho de 1966. Em meio a esses dois clubes estava a bonita e moderna sede do ABC, inaugurada em 31 de janeiro de 1959 e mantida até 1973, quando todo o terreno foi vendido. Foram 14 anos de uma programação intensa, com muitas festas para a elite de Tirol e Petrópolis em uma estrutura de dois pavimentos,

piscina, salão para danças, grill-room, restaurante, boate, salas de reunião e troféus. “Era o xodó dos associados. Nos carnavais, lotava”, cita matéria publicada no jornal Tribuna do Norte. O local ainda recebeu grandes nomes da música brasileira para shows inesquecíveis, entre eles Jair Rodrigues.

Os empresários Roberto e Ricardo Bezerra lembram-se com saudades das matinês promovidas todo domingo no clube do ABC, embaladas pelo famoso grupo da época “Impacto Cinco”, que fazia todo mundo se esbaldar entre os clássicos da década de 60. No repertório não podiam faltar as músicas “Menina Linda”, “Quando o Sol Chegar”, “Te Amo”, “Só penso em você”, e muitos outros sucessos dos anos incríveis.

Segundo Ricardo, o salão de dança tinha um “miolo” em seu centro, para onde iam os casais que desejavam ficar escondidos nos momentos de paquera. “Quem buscava mais privacidade ia para o miolo e ficava mais agarradinho durante a música, porém, não passava disso”, comenta o também frequentador dos tempos áureos do clube América. Nesse período, a rivalidade entre os dois times se estendia dos campos de futebol para as sedes sociais, que disputavam os associados entre os seus torcedores.

O atual presidente do Conselho Deliberativo do América, José Rocha, afirma que após o fechamento da sede do ABC muitos alvinegros precisaram virar a casaca e se associar ao clube do adversário. “Eles não tinham para onde ir, por isso viviam os nossos carnavais”, recorda o ex-presidente que esteve à frente do América ainda quando a sede era uma das únicas opções de lazer em Natal. O espaço oferecia aulas de esportes amadores, abrigava um dos melhores restaurantes da cidade, já teve um colégio – o Jardim Escola Guri Americano – e ainda possuía a única piscina da capital, atração que o deixava lotado nos finais de semana. Nele também aconteceram grandes festas de réveillon, formaturas, casamentos e debutantes, sem falar nos shows de artistas como Clara Nunes, Fafá de Belém, Ademilde Fonseca e Benito de Paula.



Na badalada festa da colunista Hilneth Correia, na sede do ABC, em 1968: Múcio Sá, Wandick Lopes Jr., Maurício e Eduardo Cariello, Carlos Mariz

Foto: Jaeci



Clube América ocupava um quarteirão inteiro na Avenida Rodrigues Alves

Foto: Jaeci



Arquitetura original do Aero clube

ENTRE RUAS E CLUBES

Quem foi jovem em Natal até os anos 1970 provavelmente brincou os carnavais nas ruas da capital potiguar, onde as alegorias levantavam os foliões dos blocos de elite Puxa Saco, Ressaca, Jardineiros, Arroxo, Saca Rolha, Jardim de Infância, entre outros. Cada grupo vestia suas roupas estilizadas e caía na gandaia ainda pela manhã, seguindo a orquestra puxada por um trator que parava nas casas de amigos para os famosos “assaltos”. Se durante o dia os destinos eram diferentes, à noite os membros de todos os blocos batiam ponto nos clubes de Natal, onde as festas varavam madrugadas ao som das tradicionais marchinhas e dos frevos pernambucanos. As maiores aconteceram no Aero clube, América e ABC, que deixaram recordações inesquecíveis nas memórias de quem viveu a efervescência desses carnavais.

O Aero clube foi o primeiro dos três a promover a folia de momo, ainda em 1929, quando resgatou o Carnaval das elites. “Lá aconteciam os bailes de máscaras e fantasias, eventos tradicionais da época. O Aero clube foi um dos precursores dessas festividades e tinha incentivo do governador Juvenal Lamartine, seu criador e primeiro presidente”, diz Marcelio Marques, engenheiro e ex-diretor da entidade onde existia a Escola de Pilotos. Por sinal, os aspirantes da Aeronáutica eram vistos como eternos rivais dos homens potiguares, que durante as festas perdiam a disputa nas paqueras para os futuros oficiais. “As mulheres só queriam flertar com os bons partidos da Aeronáutica, afinal, nesse período não existia sequer universidade em nossa cidade e os moradores daqui não tinham muito estudo. Por causa disso, muitas brigas aconteceram entre aspi-



Hilneth Correia homenageia o então presidente do ABC, José dos Santos

rantes e natalenses enciumados”, explica Marcelio.

Em matéria para a Revista Bzzz de agosto de 2013, a repórter Alice Lima narra que as aulas de tênis, esporte forte do clube, passaram a existir na década de 1940. Já em 1951 foi inaugurada em suas instalações a primeira piscina semiolímpica do RN, com direito a um trampolim no qual os jovens se exibiam em acrobacias ousadas. “As festas de formatura dos cursos mais procurados da época, como Medicina, Direito e as engenharias, sempre aconteciam no Aero clube. Os momentos mais animados eram as dominigueiras e os inesquecíveis bailes de carnaval, com fantasias, confetes e marchinhas por todos os lados”, detalha.





Encontro no clube América entre os amigos José Ivan, Ariane Rocha, Lorena Pípolo e Renato Dantas



Carnaval de 1975 no América

Os anos 50 e 60 foram glamorosos no Aeroclube, onde aconteciam as festas da alta sociedade até o surgimento da nova sede do América. Esta virou a febre dos carnavais e recebia milhares de foliões todos os anos. O sucesso era tanto que, para garantir as senhas da semana momesca do América, os jovens faziam uma grande fila do clube até a Igreja Santa Terezinha, no cruzamento com a Rua Apodi. Entre os frequentadores estava o advogado Eduardo Rocha, filho do ex-presidente José Rocha, que se lembra com carinho desses bons tempos. “A sede social ficava abarrotada, com uma média de cinco mil pessoas em apenas um dia de Carnaval. Era gente em todos os lados, nas áreas de piscina, jardins, bares, salões e camarotes. A orquestra reunia mais de 50 músicos que animavam durante a noite inteira”, delineia o antigo folião, que também presidiu o time. O carnaval de Natal ainda atraía turistas de cidades vizinhas, como João

Pessoa e Recife, curiosos pelas festas em clubes e alegorias.

Além da comemoração carnavalesca em si, o América promovia prévias e carnavais fora de época como o “Micareme”, que acontecia no sábado de aleluia da Semana Santa. Mas o carro-chefe era mesmo o carnaval, com todo o luxo da sede social considerada “de elite”. Ricardo Bezerra destaca algumas figuras tradicionais dessas festas, como o fotógrafo Dani Cooper, lembrado por trabalhar devidamente fantasiado nos bailes. Já o chefe da segurança era chamado de “Bernardão”, por isso os demais seguranças ganhavam o apelido de “Bernardões”. Os antigos frequentadores também devem se lembrar do músico Maribondo, que tocava o pistom para abrir o salão, assim como o porteiro Severino, famoso pelo trabalho rigoroso de barrar quem tinha idade inferior à permitida ou não estava em dia com o clube.

Roberto Bezerra adiciona que

o América era centro de paquera da juventude natalense. Ele próprio conheceu a esposa Diva na sede social e sempre a encontrava nos eventos onde a paquera rolava solta. “Os rapazes sabiam que as moças cobiçadas estariam no América. Assim, entre músicas e conversas, muitos casais se formaram naquele salão de dança”, descreve. Menos populares, mas não menos animados, eram os carnavais realizados na AABB, que por ser mais restrita aos bancários associados não movimentava tanto a sociedade em geral. Atual presidente da entidade e filho de bancário, Haroldo Ribeiro Dantas frequenta o clube desde criança. Ainda adolescente, ele e o grupo de amigos brincava nas festas da AABB e logo depois finalizava a noite no América, para onde todo mundo se dirigia. O auge dos carnavais em clubes durou até meados da década de 1980, quando as transformações sociais tiraram deles a hegemonia das maiores festas da cidade.

Foto: Jaeci



No lado direito da foto, fachada com a charmosa varanda do Natal Club

PRIMEIRO CLUBE

Antes mesmo de existir Aero-club, ABC, AABB ou América, o Natal Clube agitava a elite potiguar no centro da cidade, bem no coração do Grande Ponto. Inaugurado em 22 de julho de 1906 e mantido por 36 sócios, o primeiro clube da capital ficou conhecido pelas ricas atividades sociais sempre organizadas e muito animadas, entre elas os carnavais com direito ao “Zé Pereira”, em que todos os membros devidamente fantasiados desfilavam de bonde e “assaltavam” as casas dos sócios. Os bailes, de acordo com o juiz Lauro Pinto, eram brilhantíssimos e contavam com a melhor orquestra da região.

Após a Segunda Guerra Mun-

dial, em 1945, o movimentado clube de festas foi transformado em sociedade anônima e tinha como sócio majoritário o deputado Theodorico Bezerra, o qual passou a explorar jogos de cartas. Nessa época o Natal Clube era frequentado por políticos da capital e do interior, intelectuais, comerciantes, médicos, advogados, entre outros profissionais que após o expediente de trabalho lotavam as mesas dos jogos e faziam suas apostas. Por trás das conversas também havia diversos acordos políticos e econômicos feitos no clube que, depois de 62 anos de vida social intensa, fechou as portas em 5 de novembro de 1968, após a venda do prédio onde ficava a sede.



DECADÊNCIA E NOVOS RUMOS

Os anos dourados anteriores foram substituídos por tempos difíceis nos clubes a partir dos anos 80, em razão de diversos fatores externos que diminuíram sua importância na vida social da população. Entre eles está o surgimento das primeiras boates de Natal, que não exigiam qualquer tipo de mensalidade para o acesso às suas festas e ainda traziam a nova moda da discoteca. O crescimento natural da cidade também agregou outras opções de lazer e recebeu novas casas de festas que acabaram com o monopólio das sedes sociais.

Ricardo Bezerra chegou a promover na década de 80 algumas festas no América pela empresa Destaque, com o foco voltado para a mocidade natalense. O Forró Classe A era um dos eventos que reavivaram o clube ao trazer cantores como Beto Barbosa, Jorge de Altinho e Nando Cordel, enquanto a banda baiana Chiclete com Banana fez seu primeiro show em Natal no réveillon do América. Contudo, o espaço ficou pequeno para o aumento da demanda de frequentadores e do potencial de faturamento das produções cada vez maiores. Dessa forma, no início dos anos 1990 já não era mais vantajoso promover festas no clube.



Benito de Paula e José Rocha



Clara Nunes no América



Crianças do Jardim Escola Guri Americano



Debutantes de 1974 no América, em festa organizada pelo colunista social J. Epifânio



AABB, atualmente o clube mais ativo da cidade



Já no local atual, fachada da AABB em 1962



Primeira sede do clube, de 1945, na Av. Deodoro da Fonseca

Diante de todas essas mudanças, as sedes sociais se viram obrigadas a tomar novos rumos. O ABC fechou as portas, já o América voltou suas atenções exclusivamente para o time de futebol e deixou a “Babilônia do Tirol” a cargo de eventos esporádicos, como lançamentos de livros e exposições de arquitetura. Não existem mais aulas de esportes, mas José Rocha sinaliza que o clube luta para ter de volta algumas dessas atividades. O Aeroclube, por sua vez, resiste a trancos e barrancos a partir das mensalidades dos poucos sócios que praticam esportes no local. Marcelio Marques alerta a precariedade da sede histórica, atualmente subaproveitada. “O leque das opções para desenvolver programas beneficentes ligados ao esporte e à cultura é imenso. Tanto o Aeroclube quanto as federações de tênis e de natação, parceiras da entidade ali instaladas, fazem o possível nesse sentido”, expõe o ex-diretor em artigo publicado no Jornal de Hoje.

A AABB hoje em dia é o clube em melhores condições, ainda vivo em atividades sociais e esportivas. O presidente Haroldo Ribeiro Dantas acredita que a abertura das instalações para a sociedade é o fator essencial para manter o sucesso da entidade fundada

em 1945, cuja primeira sede ficava na Avenida Deodoro da Fonseca e posteriormente foi transferida para a Hermes da Fonseca, em 1962. No presente existem 2.200 sócios e cerca de 1.800 alunos somente na prática esportiva em uma estrutura de ponta, que recebe melhorias constantes para a manutenção da qualidade do serviço prestado. Recentemente foram investidos R\$ 2 milhões apenas na academia, considerada uma das melhores da capital. “O dinheiro recebido é convertido na associação, que está sempre cheia em todos os dias da semana. Para ganhar sócios é preciso oferecer algo em troca, por isso buscamos atender às demandas deles. Como resultado, temos uma lista disputada de pessoas interessadas em entrar para o clube”, revela Haroldo.

Essa é uma exceção em meio à decadência das sedes sociais em nível nacional, que alcançou entidades como o Náutico de Recife (PE) e Fortaleza (CE). José Rocha aponta que a característica dos clubes brasileiros mudou, por isso todos precisaram se reinventar, inclusive a própria AABB, guiada por uma boa gestão que a reergueu enquanto outras perdiam frequentadores. Dos tempos de outrora só restaram as fotos, lembranças e saudades.

Xarias x Canguleiros

No século 19, moradores da Cidade Alta não desciam à Ribeira, e vice-versa. Xarias e canguleiros protagonizaram brigas que iam de homéricas a pedradas e prisões. A partir das 18h, os grupos entoavam grito de guerra: Xaria não desce! Canguleiro não sobe!(...) E entraram para a história do folclore natalense

Por Louise Aguiar
Charges Brum



É NO LIVRO “HISTÓRIA da Cidade do Natal” (1999, RN Econômico) que o historiador Luís da Câmara Cascudo revela uma curiosidade sobre a Natal do século 19: a rivalidade existente entre os moradores dos bairros veteranos do seu povoamento: Cidade Alta, onde morava a elite, e a Ribeira, rebaixado a nível social inferior. Na parte mais baixa da cidade, viviam os “canguleiros”, que consumiam o peixe cangulo, classificado como de segunda categoria na época e seco. Na Cidade Alta estavam os “xarias”, consumidores de xaréu, pescado de melhor qualidade e fresco.

A rixa, que durou anos, era tanta que provocava verdadeiras brigas entre os moradores dos dois únicos bairros existentes em Natal. “Essa rivalidade deve ser vista como símbolo da cidade provinciana”, diz o professor e pesquisador Luís Eduardo Suassuna, o Coquinho. O povoamento na região era disperso e as pessoas sobreviviam basicamente da agricultura, da pesca e do pequeno comércio. Ainda assim, havia a divisão de classes e até um grito de guerra.

Câmara Cascudo discorre que o grito de guerra era entoado sempre que os moradores rivais encontravam-se.

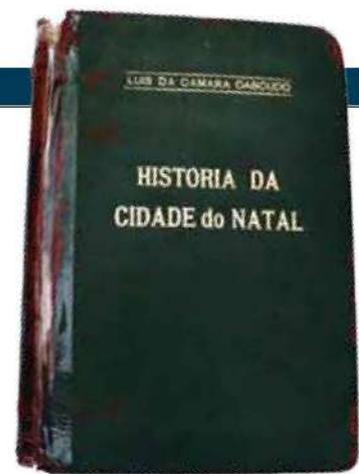
- “Xaria não desce!”
- Canguleiro não sobe!”

Era uma clara referência a quem morava na Cidade Alta

jamais desceria à Ribeira, e vice-versa. “Naquela época tudo era muito primitivo e isso se externava nas festas. Na festa da Padroeira Nossa Senhora da Apresentação, em novembro, as pessoas bebiam e as brigas acabavam acontecendo”, relata o professor.

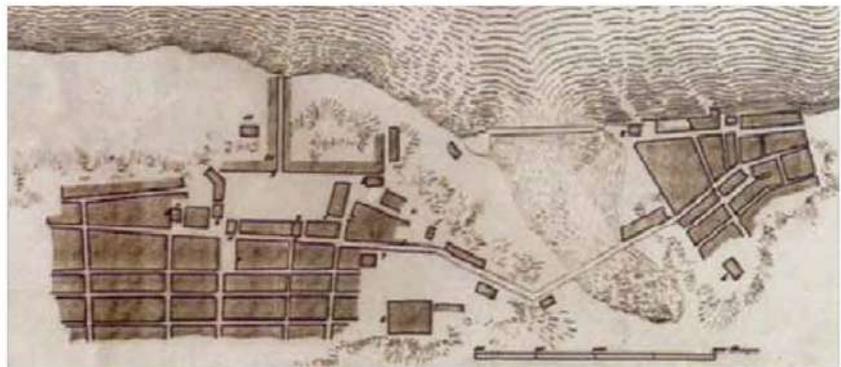
A história hoje faz parte do folclore natalense, mas Câmara Cascudo conta em detalhes como as brigas aconteciam. “Do Beco do Tecido em diante só os campeões se afoitavam depois do escuro da noite. Pau tostado, miolo de aroeira, quiri, canivete, tomavam a palavra entre safanões, murros, capoeiragem e vasta descompostura excessiva”, diz o trecho do capítulo 22, “Xarias e Canguleiros”.

Na época o bairro da Ribeira englobava tudo que hoje envolve o bairro das Rocas, mas o povoamento era disperso e o cultivo da agricultura se misturava às poucas residências existentes. Enquanto os moradores da Ribeira compravam o cangulo no Canto do Mangue, aqueles que



viviam na Cidade Alta costumavam adquirir o xaréu de pescadores das praias de Areia Preta e Ponta Negra.

O professor Coquinho conta que existia também a rivalidade das escolas. Enquanto na Ribeira era o Grupo Augusto Severo, na Cidade era o Colégio Santo Antônio. Na parte mais alta da capital funcionava o Destacamento Militar do Exército, onde hoje funciona a Escola Estadual Winston Churchill; e o Batalhão de Segurança, ficava na Ribeira. “Havia essas diferenças que se externavam em festas, nas noites que as pessoas bebiam. Eles não viviam em guerra, mas existiam essas distinções”, pontua o pesquisador.



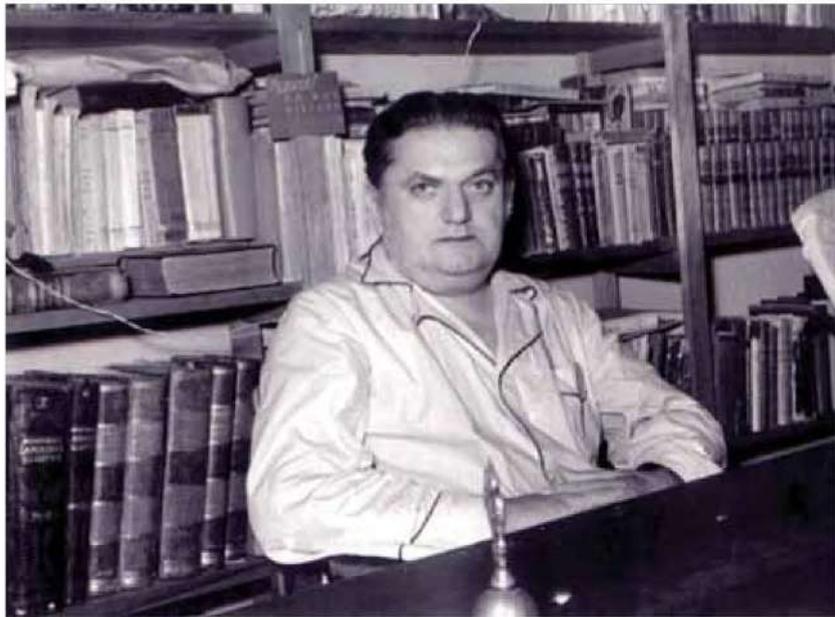
Planta mostra área da Cidade Alta e Ribeira

Memórias cascudianas

No início do capítulo do seu livro, Câmara Cascudo conta que Natal sempre se dividiu nos dois bairros veteranos, Cidade Alta e Ribeira. O primeiro, historicamente, começava numa colina, vértice do ângulo formado pela junção de duas ruas, Junqueira Aires e João Manuel. Já a Ribeira denunciava um alagadiço de água salobra que se espalhava por toda a Praça Augusto Severo, também conhecido como “Salgado”.

“A maré de preamar vinha lavando desde o pé dos morros, onde passa o final da avenida Rio Branco, englobando a avenida Duque de Caxias, a tradicional Campina da Ribeira, um terço da rua Coronel Bonifácio e saldos da rua Doutor Barata. Era um banho que reluzia ao luar e envergonhava o sol. Para o trânsito havia uma simples pinguela, um toro de madeira atravessando, logo depois da Estação da Estrada de Ferro, o sulco por onde corriam as águas”, relata o historiador.

Os bairros eram divididos por uma ponte, que na verdade eram toras que facilitavam o trânsito. Segundo Cascudo, já mencionavam a ponte em documentos da primeira metade do século XVI. “Da ponte para cima viviam os xarias. Da ponte para baixo moravam os canguleiros. O limite máximo era a ponte. A fronteira comum, entretanto, lindava-se no beco do



Cascudo eternizou a rixa entre xarias e canguleiros em seus escritos

Tecido, rua Juvino Barreto, extrema atual da freguesia do Bom Jesus das Dores da Ribeira”.

O termo “tecido” se referia à fábrica de tecidos instalada na Ribeira, propriedade de Juvino Barreto, que ficava logo depois do beco. “Entre xarias e canguleiros a rivalidade era velha e durou dezenas de anos. Moleques, valentões, meninos de escola, desocupados, praças do Exército e do então Batalhão de Segurança mantinham o fogo sagrado dessa separação inexplicável. Naturalmente as famílias da Cidade e da Ribeira conviviam com afeto. Os meninos, os criados, esses, encontrando gente de um bairro no outro lado, iam às vias de fato, infalivelmente”, emenda o historiador no livro.

Cascudo lembra o dia da

Festa da Padroeira Nossa Senhora da Apresentação. “Na festa da Padroeira, novembro, os canguleiros vinham em bandos, armados. Assistiam aos atos, aplaudiam os fogos, mas sabiam que o combate era fatal no beco do Tecido. Havendo circo de cavalinho dava-se a tragédia para os xarias”, relata.

E continua: “O circo, quase sempre, armava-se na Ribeira. A música de seu Candinho, Cândido José de Melo, administrador do cemitério, era contratada e trazia um cortejo de admiradores. Esses não passavam da ponte. Do lado de lá os canguleiros esperavam, lambendo o beijo. Antes de 1880 essa tradição dominava o povo”.

Nos estudos de Cascudo, No das ruas Chile e Silva Jardim, na Ribeira, jangadas e botes atracavam



após pescaria com peixe em abundância. O pescado mais farto era o cangulo, o peixe-porco. Na Cidade Alta, a preferência foi decidida pelos xarés e xareletes, vindos das praias de Areia Preta e Ponta Negra.

Então, canguleiro era o comedor de cangulo e peixe seco, e xaria era o comedor de xaréu e peixe fresco. Apelidos que surgiram a partir dessa “simpatia gastronômica”, como disse Cascudo. Na pinimba, o “pau cantava” e o resultado era “muita cabeça par-

tida, muito nariz amassado, muito braço torcido, muita prisão, foram corolário desses pratos antigos nas ceias gostosas do velho Natal provinciano”, descreveu o mais ilustre historiador potiguar.

Ele relata ainda que verdadeiras batalhas se travaram com espadas de arco de barril, pedradas, areia e insultos dignos de toda malandragem de um morro carioca. Mas, em 7 de setembro de 1908, os bondes de burro começaram a subir e descer a ladeira que distancia-

va os dois bairros.

“A facilidade da comunicação imediata, fácil, barata, aproximou os dois núcleos de população. Meninos, soldados, empregados, valentões andavam para lá e para cá, diariamente, muitas vezes, desencantando-se mutuamente. O calçamento da avenida Junqueira Aires levou esse elemento a ponto de fusão. Misturaram-se, confundiram-se, uniformizaram-se. Xarias e canguleiros morreram. Ficou o natalense”, finalizou o escritor.





AVIAÇÃO

Rota brava

NATAL ERA ROTA DE EMPRESA FRANCESA PARA A ÁFRICA E, ENTRE OS AVIÕES QUE CAÍRAM COMO TESTES DE VOO, MUITA HISTÓRIA TEM PARA CONTAR. MEMÓRIA QUE ESTÁ SENDO REVIVIDA EM EXPOSIÇÃO NO RN

Por Marksuel Figueredo
Fotos: Marcos Martins e arquivo

Era início século XX e os apaixonados pela aviação europeia se perguntavam como cruzar o mundo e chegar ao outro lado do Atlântico. Na verdade, era mais que paixão, talvez necessidade. Os europeus buscavam expandir seus negócios e queriam fazer voar longe um meio de transporte que era mais ágil: o avião. Naquela época, navios cruzavam mares carregados de malas postais endereçadas aos que moravam pelos lados de cá.

“Era um percurso longo. Os navios costumavam passar três semanas para cruzar o oceano. Na cabeça do europeu estava a necessidade de fazer esse percurso em um tempo menor”, explica Fred Nicolau, pesquisador da Fundação Rampa, entidade criada em 2001 para preservar as edificações de uma antiga base de hidroaviões. Recebeu esse nome devido a rampa de concreto usada para retirada das aeronaves do Rio Potengi.

Na França, com o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, um empresário fabricante de aviões procurava dar outro destino às aeronaves e aos pilotos que ficariam desempregados. Pierre Ge-

orges Latécoère foi um dos fabricantes e fornecedores de aviões durante a guerra para o governo francês. A fábrica dele ficava em Toulouse, no sul da França.

“Latécoère foi visionário e conseguiu dar nova utilidade aos aviões, que passaram a ser usados para fazer o transporte de jornais e cartas dentro da Europa. Por si só, isso já foi uma grande feito. Os aviões voavam para Espanha e, aos poucos, ele conseguiu chegar à África, na cidade de Saint Louis, no Senegal”, conta Nicolau. Esse era o lugar mais próximo da América do Sul, mas ainda assim seria grande o desafio de cruzar o Atlântico voando.

Em 1924, Latécoère veio ao Brasil e trouxe três aviões desmontados em um navio. A ideia era estabelecer e expandir sua linha no país, mas ele não aceitou aprovação por parte do governo. O francês chegou a fazer duas viagens exploratórias no espaço brasileiro, mas logo depois vendeu a sua linha ao francês Bouilloux Lafont. A negociação custou 30 milhões de francos. E foi também Bouilloux que investiu em toda a infraestrutura aérea da América do Sul.



Fred Nicolau, pesquisador da Fundação Rampa

“Após essa venda milionária, outro francês que já estava no Brasil para as viagens exploratórias de Latécoère foi encarregado de viajar o País e encontrar lugares para construção de aeroportos. Paul Vachet chegou a Natal em 1927”. O francês deu início a uma base aérea em Parnamirim e reafirmou o que alguns estudiosos da aviação já sabiam: Natal era o ponto certo para chegada de um avião que cruzasse o Atlântico.

“Tudo se explica pela nossa posição geográfica. Estamos na esquina do continente, partindo da África e cruzando o Atlântico, Natal era o ponto mais próximo para a realização desse desafio francês. De lá pra cá temos uma reta no oceano”. Nessa época, a Linha Latécoère já havia sido batizada de Linha Aéropostale.

A rota para cruzar o oceano estava devidamente montada pela Aéropostale. Seriam 3,6 mil quilômetros de Saint Louis, na África, até Natal. E o primeiro voo comercial tão desejado aconteceu em 1930. No hidroavião Laté-28 partiram o piloto Jean Mermoz, o mecânico de voo Jean Dabry, e o ope-

rador de rádio Léopold Gimié. Os três cruzaram o oceano com 130 quilos de malas postais que seriam distribuídas do Brasil ao Chile.

“A vinda foi mais tranquila, porque a equipe estava voando a favor do vento. Mesmo assim, era um voo de risco e de grande expectativa. O Laté-28 foi adaptado com flutuadores para pousar no mar”, lembra o pesquisador. A viagem, que em um navio duraria três semanas, levou 19 horas sem escalas. O avião pousou nas águas do Rio Potengi no dia 13 de maio de 1930.

“Foi uma grande conquista para a aviação mundial. Era a primeira viagem comercial sobre o Atlântico e, de certa forma, isso ajudaria no desenvolvimento econômico e nas relações da Europa com a América do Sul”. O piloto Jean Mermoz, tentaria decolar do Rio Potengi quase dois meses depois.

“Os franceses sabiam que o retorno para África seria mais complicado. Agora, eles teriam que voar contra o vento e, para isso, teriam que colocar o máximo de combustível possível. O avião ficou muito pesado e não conseguiu decolar do Rio Potengi”, conta Fred Nicolau.



Registro do Laté-28 pilotado por Jean Mermoz, na Lagoa do Bonfim



Aeromodelo do Laté-28

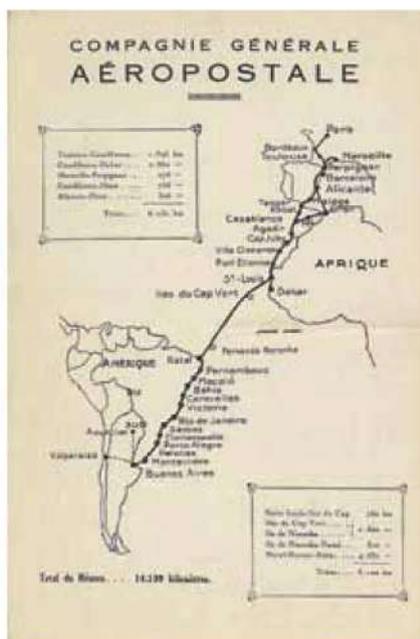


QUEDA DO AVIÃO

No dia 8 de julho do mesmo ano, o Laté-28 decolou da Lagoa do Bonfim, onde as condições atmosféricas e climáticas eram melhores. Mas o avião não chegou ao destino e caiu em pleno Oceano Atlântico devido a uma pane seca, já perto da África. Jean Mermoz e os seus dois companheiros não morreram no acidente porque já vinham sendo monitorados por navios e foram socorridos em alto mar. Pouco depois, o avião que tinha flutuadores afundou, mas ainda deu tempo de salvar as correspondências que

eram levadas do Brasil.

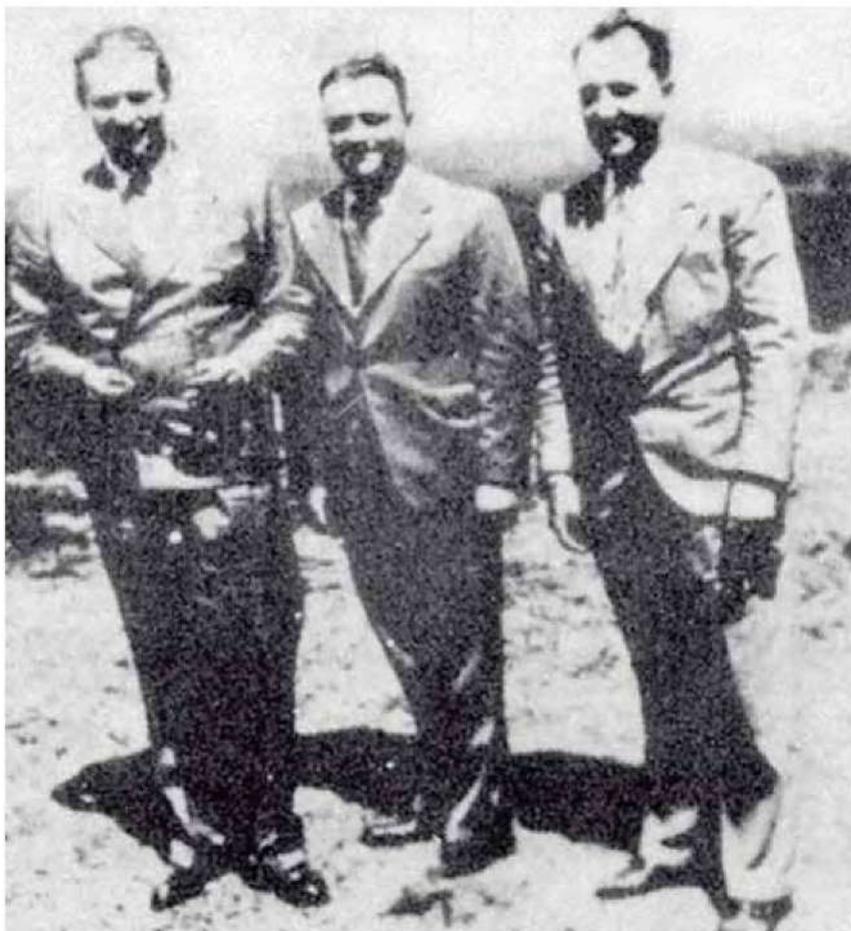
O piloto que entrou para a história da aviação francesa e potiguar morreu seis anos depois fazendo o mesmo trajeto da África. “O avião de Mermoz caiu no Atlântico em 1936. Dessa vez ele não teve a mesma sorte. O avião nunca mais foi encontrado”. A Linha francesa operou com voos para Natal até junho de 1940. Nessa época, a Linha já pertencia ao governo da França e as atividades foram suspensas por determinação da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.



Rota da companhia Aeropostale



Primeira mala aérea em escala direta Brasil-Europa



Mermoz, Dabry e Gimie em foto da época



Bernard e a esposa, Aurora, decidiram reviver a rota em um pequeno avião, com objetivo de fazer com que mais pessoas saibam da façanha dos franceses

QUASE NOVENTA ANOS DEPOIS, UMA ROTA VIVA



Equipe resgata memória com exposição no Aeródromo Severino Lopes, na Lagoa do Bonfim

Uma exposição montada no mês de maio no Aeródromo Severino Lopes, na Lagoa do Bonfim, em Nísia Floresta, busca manter viva a experiência desbravadora de Jean Mermoz e da Linha Aéropostale. O agricultor Marcos Lopes é o dono do hangar onde a exposição foi exibida.

“Organizamos tudo para nunca deixar escapar da memória a importância de Natal para o avanço da aviação mundial. Moro na Lagoa do Bonfim há 35 anos. Minha casa fica de frente para a lagoa de onde Mermoz decolou de volta à África em 1930. É um

pedaço marcante da história”, discorre Marcos.

A cônsul honorária da França em Natal, Sylvie Gradl, diz que a capital potiguar é a cidade mais importante na rota da Linha Aéropostale. “Essa conquista faz parte do patrimônio imaterial da humanidade e as pessoas de Natal precisam saber que essa cidade foi extremamente importante para o desenvolvimento da aviação francesa. Meu avô foi amante da aviação e quando disse que viria morar no Brasil ele me mandou morar em Natal, porque aqui estaria parte da história da nossa França”, conta

Sylvie em tom de riso.

No início do mês, a cônsul diz que um casal de franceses que esteve na exposição na Lagoa do Bonfim refez uma das rotas do início do século XX pela América do Sul. “Bernard e a esposa, Aurora, decidiram reviver a rota em um pequeno avião, com objetivo de fazer com que mais pessoas saibam da façanha dos franceses ao inovar no transporte aéreo. Hoje existe na França uma fundação que organiza voos privados em pequenos aviões que refazem essas rotas. A rota de Natal foi a mais importante delas, a mais brava”.



AA, O Grande

SEU NOME É
CONSIDERADO O
MAIOR DA POLÍTICA
DO RN. PARA
ADMIRADORES,
ALUÍZIO ALVES
FOI UM GRANDE
ESTADISTA,
DOS MELHORES
POLÍTICOS DA
HISTÓRIA MUNDIAL.
SEUS FEITOS
ESTÃO VIVOS NA
MEMÓRIA POPULAR
E O “ALUIZISMO”
MARCOU ÉPOCA

Por Adriana Brasil

Aluízio Alves fez parte de um grupo que talvez não exista mais no Rio Grande do Norte atualmente: o dos políticos natos, que souberam incrustar os seus nomes e a arte do “fazer política de verdade” na construção da história de um Estado. Nesse tempo histórico também registrem-se nomes como Dinarte Mariz, Tarcísio Maia, Theodorico Bezerra.

Gênio, exímio orador, demagogo, perseguidor. Alguns adjetivos atribuídos ao homem público que também foi advogado, escritor e jornalista. Despertou fascínio; antipatia; trouxe progressos para o povo e território potiguares e também cometeu erros durante a vida pública.

Nasceu em 11 de agosto de 1921, no município de Angicos. Foi o pioneiro entre seus irmãos a ingressar na vida pública (e dar origem ao ‘clã Alves’). De origem humilde, era filho do comerciante Manuel Alves Filho e da dona de casa Maria Alves.

Na infância veio a descoberta da vocação para o jornalismo. Tinha onze anos quando, durante as férias escolares, datilografava no mimeógrafo do pai em uma folha de papel almaço o seu próprio jornal, batizado de “O Clarim”. Era um único exemplar, que entregava na casa

da vizinha. O jornalzinho era lido e passado de mão em mão na rua.

Diferente das crianças de seu tempo, foi seduzido pela política. Aos onze anos, aparece em primeiro plano na fotografia da fundação do Partido Popular no RN. Na imagem está o menino de calças curtas a cobrir com o chapéu as pernas desnudas ao lado dos fundadores da legenda — José Augusto, Dinarte Mariz, Eloy de Souza e figuras importantes da política do RN.

“Você conseguiria imaginar um garoto de 11 anos, nos tempos atuais, presente em um evento como este no Rio Grande do Norte?”, provoca Fernando Siqueira, jornalista automotivo renomado, amigo íntimo de AA até o fim da vida. “Aluízio era um menino de origem simples, vindo de Angicos, estava lá, em meio a aqueles grandes homens da política do estado”.

Casado com Ivone Lyra, mulher que os amigos descrevem como grande admiradora do marido, e que exerceu papel de alicerce, tiveram quatro filhos: Aluízio Filho, os gêmeos Henrique Eduardo (seu maior herdeiro político) e Ana Catarina, e Henrique José. Aluízio era tido como um pai que gostava de agradar os filhos, pouco autoritário e amoroso.



Clovis Motta, Mons. Walfredo Gurgel, Olavo Montenegro, Robert Kennedy, Aluizio Alves na Inauguração do Instituto Kennedy, 1965

ERRADICAÇÃO DO ANALFABETISMO

A vida pública era notável: foram sete mandatos de deputado federal (o mais jovem deputado federal eleito do Brasil, aos 24 anos, em 1945); mandato de cinco anos de governo do estado (venceu a eleição de 1960, vitória espetacular sobre Dinarte Mariz); foi Ministro de Estado em dois governos, secretário-geral do partido UDN e membro da Comissão Executiva do PMDB.

Assinou a autoria de vários projetos, como a Lei Orgânica da Previdência Social. Inaugurou obras, como a energia de Paulo Afonso no RN. Em seu go-

verno (1961-1965), o educador Paulo Freire implantou o seu revolucionário método de alfabetização, que alcançou repercussão no exterior. Nos Estados Unidos, Aluizio Alves manteve relacionamento direto com a Casa Branca, articulando a vinda do presidente John Kennedy ao RN em 1963 (Kennedy seria assassinado um mês antes).

Como jornalista, atuou como editorialista do Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, foi redator-chefe da Tribuna da Imprensa, colaborador do jornal carioca O Globo e do paulista

Folha de S. Paulo; além de diretor da Revista da Semana. Escreveu 11 livros, sendo o mais importante desses "Ângicos", escrito aos 17 anos.

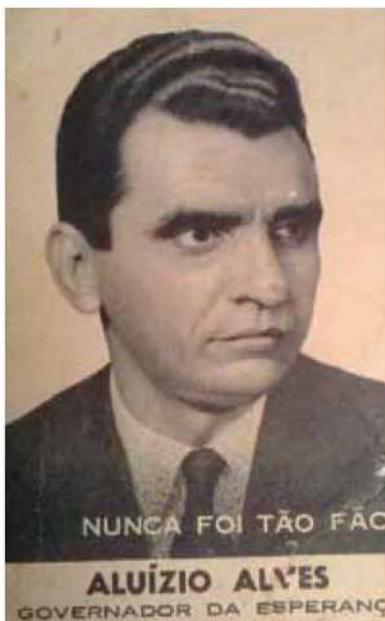
AA se destacava pela inteligência aguçada - opinião unânime por parte dos que o conheceram. Era espetacular orador e foi o primeiro candidato marqueteiro político do Nordeste. A eleição para o Executivo estadual em 1960 foi um marco que deu mostras do quanto se dispusera a lutar até as últimas consequências para estar à frente do progresso no RN.

ELEIÇÕES DE 1960: O MAIOR EMBATE ELEITORAL DO RN

Fim da década de 1950 e o mundo estava em transformação. A sociedade pedia mudanças e um fenômeno já era observado na política mundial em meados de 1958: o “novo” ganhava espaço. Inovação e ousadia cresciam diante do “tradicional”. Nos Estados Unidos, o carismático e jovem senador John Kennedy desafiava o republicano Richard Nixon com o preparo ostensivo diante de um oponente de postura mais conservadora. No Brasil, Jânio Quadros empolgava na política nacional ao pregar a revolução através do voto. Tinha uma vassoura como símbolo de campanha, em que prometia “varrer a bandalheira”.

No Rio Grande do Norte, o partido UDN contava com dois fortes nomes: Aluizio Alves, 38 anos, jovem deputado federal eleito por mandatos consecutivos, que se destacava pela ousadia e pela capacidade de penetração nas massas populares. Havia também o poderoso governador Dinarte Mariz, conhecido com “velha raposa da política”, que atravessava uma crise de impopularidade no seu governo.

Dinarte e os políticos daquele tempo observavam Aluizio. Sua inteligência e ambição eram atributos que inspiravam cautela até por parte dos correligionários. E na campanha rumo às eleições para



Um santinho da eleição de 1960



Momento em que Aluizio vota na eleição de 1960

o governo em 1960, AA revolucionou a forma de se fazer política.

Os partidos se mexiam para formar a chapa que concorreria ao pleito daquele ano. Aluizio sentiu que havia chegado a hora de ser o candidato ao governo. Sua trajetória era crescente e na Câmara conquistara prestígio: autor da Lei Orgânica da Previdência Social; da Lei de Crédito de Emergência, primeira mudança no sistema de “frentes de trabalho” na seca de 1958; vice-líder da UDN e da oposição. O fluxo natural era disputar o governo estadual. E, como apoiara Dinarte na eleição para o governo, dessa vez esperava a retribuição do atual governador; mas Dinarte optou por apoiar a

candidatura de Djalma Marinho.

Conta-se que Dinarte Mariz nutria admiração pela erudição de Djalma, advogado conceituado, mas reconhecia que ele tinha pouca habilidade política. Considerava que AA representava sério risco para as pretensões futuras do governante ao fim do mandato daquela eleição.

Com a negativa do apoio, Aluizio rompeu com o partido e se lançou candidato por uma dissidência, tendo como vice o Monseñor Walfredo Gurgel. Iniciou-se o maior e mais ousado certame eleitoral já vivenciado no RN. “Era a luta de uma abelha (Aluizio) contra a ‘abelha-mestra’(Dinarte)”, avalia Fernando Siqueira.

A CRUZADA DA ESPERANÇA

Não existiam marqueteiros naquela célebre campanha aluizista. Grupos de estudantes, liderados por Quinho Chaves, criaram a “Cruzada da Esperança”, que Aluízio adotou como legenda da campanha.

Mostrava-se diferente de todos os outros políticos. Esses tinham como hábito visitas restritas às grandes cidades. Aluízio visitava as casas, por mais simples que fossem, não importava onde. Multidões se aglomeravam para ir às passeatas e assistir a comícios que varavam as madrugadas. Surgiram as vigílias, daí o termo “bacurau”- tipo de pássaro noturno -, que se tornou o apelido dos Alves e seus eleitores. Aluízio Alves prometia ao povo educação, melhores condições de vida; assistência e incentivos para o agricultor; além de melhores salários para o povo trabalhador.

No livro *1960- Explosão de Paixão e Ódio*, o jornalista João Batista Machado esmiuçou o clima da época: “Natal e o interior se transformaram numa explosão de amor; paixão e ódio. O radicalismo insensato invadiu lares, dividindo e enlutando famílias, numa luta fratricida onde o bom senso deu lugar às paixões descontroladas”.

As crianças também foram cativadas. Aluízio discursava para elas. Era comum pais incentivarem os filhos a decorar os discursos. Crianças iam aos comícios, agitavam lenços verdes. Pediam

aos pais que lhes fizessem camisas verdes para irem aos comícios. Os tecidos dessa cor esgotaram no comércio. Na falta de lenço verde, Aluízio conclamava a multidão: “A minha *gentinha* não precisa de lenços, que são caros. Cada um, na sua pobreza, faz o seu lenço: arranca um galho de árvore e ele será lenço e bandeira”. Empolgado, o povo levava galho de mamoeiro, coco verde, cachos de banana, que erguiam para o alto durante os comícios.

Conta-se em Mossoró que certa vez, em uma igreja, um bebê de família aluizista estava prestes a ser batizado. Trajava roupinha, cueiro, meias e gorro verdes. O padre era dinartista e não gostou do que via, mas brincou com a situação: “Tragam o gafanhoto para o batismo!”.

Em seu livro de memórias *O Que Não Esqueci – Reminiscências Políticas*, Aluízio Alves conta que, passados mais de 40 anos daquela campanha, ainda era sempre perguntado pelos técnicos de marketing político sobre quem orientou aquela campanha. “O povo”, respondia Aluízio. Sobre essa passagem, ele revelou na obra: “As músicas, o ‘cigano’, a ‘gentinha’, a participação das crianças, as passeatas das noites e madrugadas por 48 horas, as carreatas de Mossoró e Caicó, tudo foi improvisado, com a colaboração às vezes dos adversários”, recordou.





**No Caminhão da Esperança:
Aluizio rodeado pelo povo**



Em Natal, povo concentrado na Praça André de Albuquerque

Reprodução/Arquivo Tribuna do Norte



Aluizio e Monsenhor Wanfredo tomam posse do governo do Estado em 1961

Reprodução/Arquivo Tribuna do Norte



**Multidão acompanha o mais
popular homem público do RN**

EFEITO BUMERANGUE

A campanha crescia com suas músicas, paródias, a Cruzada da Esperança, o Caminhão da Esperança, o Trem da Esperança. Símbolos que foram eternizados na memória popular. Os adversários políticos não sabiam como enfrentar aquela campanha tão ousada. A oposição se valia das estratégias usuais e buscava denegrir a imagem do oponente. Provocações que Aluizio usava a seu favor, como combustível que inflamava mais ainda as multidões.

O apelido de “Cigano”, por exemplo. Em suas memórias, AA conta que Djalma Marinho fez um comício no município de Pau dos Ferros na véspera de sua chegada. Na tentativa de macular o oponente, disse que tinha vida organizada, com escritório de advogado na capital, enquanto Aluizio andava pelo estado, dia e noite, sem almoçar ou jantar na casa dos líderes que o apoiavam, e se dormia era nas estradas. Amigos revoltados foram esperar Aluizio a dois quilômetros da entrada da cidade para contar o ocorrido. O povo aguardava a resposta no mesmo tom.

Ao chegar à cidade, a multidão ansiosa aguardava-o. Aluizio subiu no palanque, pegou o microfone e disse: “Pau dos Ferros, o cigano chegou!”. O povo aplaudia e Aluizio começou a ler a mão do povo, como se fosse um cigano. Guiomar Moraes, em Pau dos Ferros, fez a música do “Cigano”. Sucesso total.



O Trem da Esperança na campanha de 1960

E o apelido de AA passou a ser “Cigano Feiticeiro” – a letra da música falava que o cigano a enfeitiçara. Algumas mulheres passaram a frequentar os comícios fantasiadas de ciganas.

Noutro episódio contado por AA, ele dizia que em mais uma tentativa de enfraquecer a campanha, a oposição pedia ao eleitorado que não se espantasse com a proporção que a campanha do ‘bacurau’ ganhara, visto que a maioria daqueles eleitores era formada por “gentinha” analfabeta e de crianças que sequer podiam votar. O que fez então Aluizio Alves? Adotou o termo e se dirigia ao povo como “minha querida gentinha”, para deleite do eleitorado fiel.

Os discursos de AA se referiam às pessoas com linguajar simples, popular. O livro *Mulheres de Mossoró*, de Gizelda Lopes, que trata sobre as “senadoras”, um grupo de mulheres atuantes na política em Mossoró, exemplifica: “A palavra ‘você’ foi empregada e explorada de forma brilhante, criando um ambiente de fortíssima afetividade e compromisso entre as pessoas. ‘Você criança, você, homem do campo, você de rosto macerado’ [...] A sua linguagem, as palavras, o seu tom, a voz, gestos, o *phatos* de sua mensagem, transformaram os expectadores passivos em ativos. Daí, toda aquela efervescência nos eventos políticos”. Com a sua voz rouca e

Reprodução/Arquivo Tribuna do Norte



poder de persuasão, Aluízio conquistava o Rio Grande do Norte.

A campanha sagrou-se vitoriosa. Aluízio foi eleito com 121.076 votos. Ao tomar posse, logo deu início a uma série de realizações. Trouxe de Paulo Afonso a energia elétrica, uma luta de treze anos (em 1960, apenas 14% da população do estado tinha energia elétrica). Número que, em 1965, subiu para 39% da população. Implantou a Telecomunicações do Rio Grande do Norte (Telern). Construiu o maior conjunto habitacional da América Latina, à época, a Cidade da Esperança. Impulsionou o turismo com a construção, em Natal, do Hotel dos Reis Magos.

A EDUCAÇÃO E O DESAFIO

Ao assumir o governo, precisou enfrentar a precariedade do sistema educacional do estado. O panorama era negativo: mais de 80% dos potiguares eram analfabetos e mais de 140 mil crianças estavam fora das salas de aula.

Segundo a pesquisadora Maria Conceição Spinel, autora do livro “A Educação no Rio Grande do Norte no governo Aluízio Alves: Modernização x Conservadorismo”, o período da gestão de AA (1961 – 1965) foi marcado por medidas modernizantes na área da Educação ao mesmo tempo em que se manteve o conservadorismo. “Se analisarmos o quadro da Educação antes de 1961, havia a ausência de um plano de educação, havia a improvisação. Na gestão Aluízio Alves essa vai ser um instrumento de mudança de mentalidade. Ele trabalha programas fundamentais, de enorme dimensão em termo de verbas e de propósitos. Vai iniciar e implantar essa educação moderna. E buscar apoio para que isso aconteça, no seu primeiro ano de gestão”, conta.

O apoio viria com verbas de órgãos e programas como a *Aliança Para o Progresso* (programa de assistência ao desenvolvimento socioeconômico da América Latina). Além de buscar melhorias no en-

sino primário, a educação de adultos teve destaque através do método Paulo Freire, uma transformadora experiência de alfabetizar adultos em 40 horas de aulas. Angicos, sua terra natal, foi o palco da primeira experiência.

Em Janeiro de 1966, Aluízio Alves transmitiu o cargo de governador ao sucessor eleito por ele, Monsenhor Walfredo Gurgel. Com altos e baixos na carreira política, sua trajetória sofreu declínio com a cassação em 1969, por dez anos. Era o favorito para a eleição ao governo. Após os dez anos, retomou os direitos políticos. Mais uma vez contava com a preferência popular para a eleição ao governo de 1982. Mas sofre um duro golpe: o regime militar cria o voto vinculado, onde só era possível votar em candidatos que fossem de mesmo partido. O partido de Aluízio (MDB) era pouco estruturado. Na eleição daquele ano, o filho de Tarcísio Maia, José Agripino, foi eleito o governador do RN.

Após esse episódio, Aluízio Alves foi designado ministro da Administração, no Governo Sarney, e ministro da Integração Nacional, no Governo Itamar Franco. Currículo invejável para um homem de origem simples, do interior do Rio Grande do Norte.

PUNIÇÃO AOS PERSEGUIDORES

Sob Aluízio Alves pesam acusações de perseguir aqueles que criticassem o seu governo. Relatos indicam que se chegassem aos seus ouvidos que um determinado servidor estava a criticar o governo do estado, ele providenciava a transferência do servidor para outro município. E caso o mesmo prosseguisse com as críticas, era transferido novamente, assim gerando transtornos que iam além do âmbito da profissão.

O livro “A Botija - A Bolsa da Família Alves”, de Paulo Augusto e João Eudes, cita episódio ocorrido logo após o golpe militar, em 1964, publicado na obra “Subversão no Rio Grande do Norte - Relatório Veras”, onde consta: “Muito se esperava de Aluízio Alves em termos de renovação da classe política estadual, no entanto, logo após o golpe, iria tornar-se o único governador de Estado, na federação brasileira, a decretar a punição em massa de servidores públicos acusados de subversão”.

A obra relata a publicação de um decreto no Diário Oficial que cita a demissão sumária de 82 funcionários públicos acusados de subversão. Para ‘justificar’ os autos, o governador contratou dois delegados da Polícia Federal de Pernambuco, que produziram um dossiê de 67 páginas com o

título “Subversão no Rio Grande do Norte”. A obra informa que os alvos principais foram a Rede Ferroviária Federal, as áreas cultural e sindical, estudantil e a Prefeitura de Natal.

Fernando Siqueira contesta as acusações: “A história não é bem assim. Aluízio não era persegui-

peitava o cargo que ele ocupava”.

Amigo de todas as horas, Siqueira esteve com Aluízio nos altos e baixos da carreira política. “Eu conheci um homem que foi a imagem e semelhança de Deus. Eu conheci um gênio. Um homem de altíssimo espírito público e comunitário. Um verdadeiro e autêntico líder. Honesto, digno.”

Aluízio Alves conversava sobre qualquer assunto, estava sempre lendo. Em rodas de conversa tinha o talento de magnetizar as atenções em volta de si. Siqueira revela que AA fazia algo até então inédito entre os homens públicos: atendia pessoalmente o povo, ouvia os seus pedidos e entregava aos cidadãos uma espécie de recibo, com a data de resolução do problema por parte do governo.

Haveria dívidas de promessas não cumpridas? “- Não recordo de algo desse tipo. Sabíamos como Aluízio era. Ninguém era doido se não cumprir um compromisso fechado por ele”, afirma Siqueira, que orgulha-se do título de amigo “que nunca pediu cargos e favores” e que conhecia de perto os hábitos simples de Aluízio, que se mantiveram por toda a vida, como saborear um prato de feijão verde; tomar coelhada e caldo de cana; comer palmatória (tipo de planta sertaneja) com açúcar.

A história não é bem assim. Aluízio não era perseguidor, apenas defensor do cargo que ele ocupava. Ele exigia respeito.

Fernando Siqueira, amigo pessoal de Aluízio

dor, apenas defensor do cargo que ele ocupava. Ele exigia respeito”. E exemplifica: “chamavam o governador de ‘bode rouco’ e vejam bem: não era a pessoa física, era a pessoa do governador. Ele não permitia o desrespeito, e providenciava a transferência daquele funcionário que desres-

A DESPEDIDA

Nos últimos anos de vida, Aluizio Alves teve vida pacata, longe dos holofotes e badalações que rodeiam os homens públicos. Recebia em casa a visita dos irmãos, filhos e dos poucos amigos que restaram. Gostava de assistir a novelas e conversar sobre política com as visitas. Fernando Siqueira permaneceu ao lado de AA até o fim, que, por algumas vezes, mostrou-se abatido. Naquela altura da vida, parecia que muito mudara dentro do homem que teve uma trajetória política marcante no RN.

“Chegou a falar-me sobre o dia em que a morte chegaria. Comentou o seu desejo de ter enterro simples, sem alardes”, revela Siqueira, que se irritou naquele momento: “Não fale isto. Você será enterrado com honras de estadista. Haverá velório, sim.



Capital potiguar parou pra dar adeus a Aluizio Alves

O povo estará com você, Aluizio”.

6 de maio de 2006 foi o dia em que se encerrou a jornada do mais popular líder político da história do RN, por complicações cardíacas e respiratórias. No cor-

tejo fúnebre, o povo se despediu acenando com galhos de árvores, lenços e bandeiras verdes, saudando o Cigano Feiticeiro, como se fazia nos bons tempos da Cruzada da Esperança.

FIGURA HISTÓRICA

No folclore aluizista é emblemática a figura de Pedro do Carneiro Verde. Homem alto, magro, de traços holandeses. De poucas palavras, era notório bacurau. Costumava vestir camisa, calça, chapéu e sapatos verdes. Ficou famoso nas caminhadas que Aluizio Alves fazia com a multidão. Na véspera do evento, dava o “banho verde”

em dois carneiros do rebanho de sua propriedade. No dia, seguia à frente, levando os dois animais completamente pintados de verde. Uma diversão para todos que ali estavam. O aluizismo atingiu patamares extremos na vida conjugal de Pedro do Carneiro Verde. Conta-se que casou com uma moça. Pouco tempo depois das

núpcias saiu em viagem. Ao retornar para o lar, encontrou os quadros com os retratos de Aluizio virados para a parede. “O que foi isso?”, perguntou à mulher. “Não gosto desse homem.”, respondeu a jovem. “O casamento está acabado neste momento”, disse de pronto o homem, convicto de já haver conhecido o amor verdadeiro.



Hilda Leite (sentada) e filhos apresentam o Acervo Bacurau

ACERVO BACURAU

O político Aluízio Alves despertou amores devotados. Na cidade de Mossoró, é bastante visitado o Acervo Bacurau, na casa de Hilda Leite, professora aposentada de 87 anos e 'bacurau roxa'. A cor verde está por toda a parte na casa que abriga a maior coleção particular de adornos e objetos das campanhas aluizistas. Bandeiras, lenços verdes, camisetas de candidatos do clã Alves, raridades como bôtons das primeiras campanhas de Aluízio Alves, esculturas de mão com o dedo polegar levantado – um dos símbolos das campanhas. Bacurau de feitios e tamanhos variados.

O acervo começou despreziosamente. Dona Hilda, como é

conhecida, guardava os adornos das campanhas em um espaço dentro do guarda-roupa. A cada eleição, mais objetos se juntavam à coleção. Não apenas da campanha de Aluízio, mas do clã dos Alves. Ela foi ganhando prestígio, a tal ponto de ter ido à posse do senador Garibaldi Alves, em Brasília, como convidada especial. A doçura e espontaneidade cativavam os visitantes. Plantas viçosas adornam a entrada do espaço – e possuem nomes: “Essa palmeira é o Henriquinho”, aponta. “Aquela ali é o Garibaldi”, indica.

Os filhos zelam o local e cuidam da mãe idosa com especial carinho. Em um de seus aniversários, ganhou uma bonita festa. Tudo verde, da decoração

ao bolo confeitado, que teve como enfeite de topo a mão com polegar erguido. Entre os convidados presentes estava Aluízio Filho, primogênito de Aluízio Alves. Não se conteve com aquela atmosfera, tão familiar... Emotivo, foi às lágrimas. O local costuma receber visitas dos Alves sempre que visitam a cidade.

A anfitriã convida a assinar o seu livro de visitas. Canetas de cor verde, de diversos modelos. Oferece também cafezinho e bolo. Com um sorriso estampado no rosto, Dona Hilda se diverte, cantarola as músicas da campanha aluizistas para os visitantes de seu acervo, sob o olhar enlevado dos filhos.

AS “SENADORAS” DE MOSSORÓ

A atuação das mulheres mossoeroenses na política é tradição. O grupo das “Senadoras” foi um movimento surgido em Mossoró. Em princípio eram reuniões despreziosas de um grupo de amigos na casa de Ozelita Cascudo, respeitada professora do município e que posteriormente veio a se tornar movimento político de grandes proporções. Passou a ser um movimento composto essencialmente por mulheres que discutiam política, trocavam conhecimentos e buscavam uma solução para os problemas da região.

Em *As Senadoras do Cigano Feiticeiro*, Valério Augusto de Medeiros cita a origem da denominação, através do depoimento da fundadora do movimento, Ozelita Cascudo: “A casa era cheia, sempre. Partiu de Jurema Lamartine a ideia de denominar de senado

essas reuniões que fazíamos aqui em casa, pois achava que a minha casa era um verdadeiro senado”.

O grupo era composto por moças e senhoras. Sob a liderança de Ozelita Cascudo, participavam Edith Souto, Ildérica Cantídio, Jurema Lamartine, Gizelda Lopes, Maria Carlos de Amaral e outras mulheres que se incorporaram ao movimento.

A inteligência de Aluizio Alves cativou o movimento e quem passou a apoiá-lo. “Quem for de Mossoró e não gostar de política é anormal”, afirma Edith Souto, uma das senadoras mais combativas. “Ele era muito inteligente, fez o melhor por esse estado. Me arrependo de não o ter apoiado nas eleições de 82”, lamenta.

As “Senadoras” atuaram em uma extensa lista de atividades. Na organização dos comícios, passeatas e vigílias, composição de

músicas, slogans e diversos materiais de propaganda, além de arrecadação de fundos; levantamento de informações etc. Havia também as ‘rezadeiras’, que ajudavam na eleição com preces e sacrifícios. Consta que uma senhora, viúva, assistia aos comícios de Aluizio na Praça do Codó virada de costas. Achava os olhos dele muito bonitos e não queria vê-los. O seu “sacrifício” seria ficar de costas para Aluizio ganhar a eleição.

Edith se diz decepcionada com a política atual. “Não se faz política como antigamente. É outra coisa. Antigamente não era dinheiro que estava em jogo”. O movimento chegou ao fim após as eleições de 1982. Por parte das “senadoras” ficou a saudade dos tempos em que fizeram história. “Anota aí: nunca haverá um político como Aluizio Alves”, declara Edith Souto, emocionada.



Algumas das “senadoras”:
Maria das Graças Queiroz
(esq.), Edith Souto,
Maria Carlos (Licor),
Ivone Carlos Amaral

Cura-se mau-olhado, cobreiro e vento caído

É religião, espiritualidade, cultura popular, saúde. Dom para uns, bruxaria para outros. A atividade das benzedeiros, sem tabus e preconceitos

Por **Rafael Barbosa**

Fotos: Cícero Oliveira





DONA MARIA AUXILIADORA

TEM 77 anos e cinco filhos - três mulheres e dois homens. Todos nascidos em Natal, apesar de ela ter origem em Paraú, na região Oeste do Rio Grande do Norte. Mesmo morando na capital, a dona de casa preservou um costume que aprendeu no interior: se a criança adoecer e não houver médico que dê jeito, leva à benzedeira que ela resolve. Foi assim com os cinco filhos, e se estendeu para os netos.

Mau olhado, vento caído, co-breiro, não há mal que resista a uma benção, dizem os antigos. A prática tem origem ainda no século XVI, no período colonial, e é resultado do sincretismo religioso, a mistura de religiões cristãs vindas da Europa com as de outros que coabitavam as terras tupiniquins. A escassez de assistência médica no período propiciou o surgimento das benzedei- ras e benzedores, que supriam essa carência junto às classes menos favorecidas.

A cura pelo ritual e a reza

A cena é bem característica e paira a memória de quem tem a infância vinculada ao interior do Brasil: as senhorinhas empunhando ramos de planta bem verde nas mãos oram em pedido de ajuda aos enfermos, que à sua frente aguardam pela cura. No Nordeste, a prática é bastante difundida e, até hoje, ainda há muita gente à procura do serviço das benzedadeiras.

Quem confirma é Antônia Fernandes Silva, Dona Toinha. Ela tem 93 anos e afirma que, desde que nasceu, possui o dom de curar. “Desde criança o povo dizia que um Pai Nosso que eu rezava, o doente ficava bom”. Ela é católica e, apesar de a prática não ser reconhecida pela Igreja, usa de rezas desta religião para benzer quem lhe procura.

“Vem gente de todo canto, meu filho. Povo de São Paulo, Rio, que tá de passagem por Natal, gente do interior”, revela a senhora, que hoje mora em Paranamirim, Grande Natal, porém, nasceu no município de Caicó, no Seridó potiguar.

Mesmo explicando que carrega consigo de nascença o dom de auxiliar na cura de enfermidades, Dona Toinha conta que somente aos 10 anos de idade aprendeu a benzer. Um benzedor baiano foi trabalhar no sítio em que ela morava, na zona

rural de Caicó, e a ensinou a benzeção. “Ele também queria me ensinar outras orações...de bruxaria, num sabe? Mas eu nunca quis. Só de benzer, mesmo. Sou católica”, enfatiza.

A preocupação de Dona Toinha vem do preconceito que sempre permeou a atividade que pratica desde pequena, pela qual, inclusive, não cobra honorários. Ocorre que a benzeção causa estranheza em muita gente, que a associa a feitiçaria e ritos vinculados a entidades satânicas. A subjugação da prática é tanta que quem procura as benzedadeiras e benzedores tem receio de falar sobre o tema e pede resguardo da identidade. É o caso do engenheiro mineiro João Alcântara (nome fictício). Ele afirma que procurou pelo auxílio pela primeira vez há dois anos e, desde então, tem frequentado a mesma benzedadeira, a cada seis meses.

Recorda que também foi levado quando era criança, por parentes, à benzedadeira. Alcântara vem de uma família de Minas Gerais com forte vínculo às culturas e tradições da terra. Além de confiar nas benzedadeiras como cura para males da carne humana, diz ele, seus familiares acreditam também na prática da terra benzida, para evitar que bichos como cobras invadam determinados espaços.

“

Vem gente de todo canto, meu filho. Povo de São Paulo, Rio, que tá de passagem por Natal, gente do interior.”

Dona Toinha





Dona Barica,
Cruzeta-RN

Mau-olhado

A causa mais comum da procura pelas benzedeadas, entretanto, pelo menos no Rio Grande do Norte, continua sendo o mau-olhado. Dona Barica, de batismo Maria Salete Carvalho, benzedeira de Cruzeta, município também localizado no Seridó do RN, explica, sob sua crença, que o mau-olhado pode se originar de duas maneiras.

Uma delas consiste na inveja, no chamado olho gordo, quando alguém é vítima de maledicência ou invidía alheia. A segunda,

ela esclarece, provém de um sentimento que pode se fundamentar na bondade. O mau-olhado, apesar do nome, tem possibilidade de se originar a partir de uma grande admiração. Tão grande que acaba enfraquecendo a pessoa objeto de deslumbre. O resultado é mal estar e outros sintomas que se assemelham a o de uma gripe ou virose comum em tempos de verão. No entanto, as benzedeadas garantem que é mau-olhado.

A dona de casa Maria Auxiliadora, única adepta da benzeção

a se identificar à reportagem sem ressalvas, conta que, certo dia, nos anos de 1970, uma de suas filhas foi acometida por uma febre inexplicável. Com o corpo mole, a pequena garotinha, ainda de braço, não conseguiu progredir no quadro mesmo diante da ajuda médica. Uma prima atestou: é mau-olhado. O marido de Maria Auxiliadora então levou a filha a uma benzedeira e, ela afirma, a menina voltou de lá curada. “Voltou nos braços dele, já melhor assim que saiu de lá”, corrobora Auxiliadora.



Dona Barica - que também não cobra por seus serviços - diz que a maior procura é mesmo pela cura do mau-olhado em crianças, apesar de que também há muitos adultos que anseiam pela benzeção. “Se for de curar, eu curo, se for de ir ao médico, eu digo, se for alguma coisa que botaram, eu também digo”, garante, referindo-se na última parte da frase a “trabalhos de bruxaria”.

A cruzetense tem 61 anos e diz que há 35 se tornou benzedeira. A história começou em um período que Barica sofria com uma profun-

da tristeza, não tinha ânimo para realizar as atividades cotidianas e vivia pelos cantos no hospital da região. Constantemente estava sob efeito de medicação. “Foi através de um sonho. Um dia uma mulher chegou pra mim num sonho e falou que meu problema não era de médico, era de reza, que ela era rezadeira e morreu com 104 anos. Disse que eu tinha que estudar isso, pra poder eu me orar, porque senão eu não ficava boa”, relata.

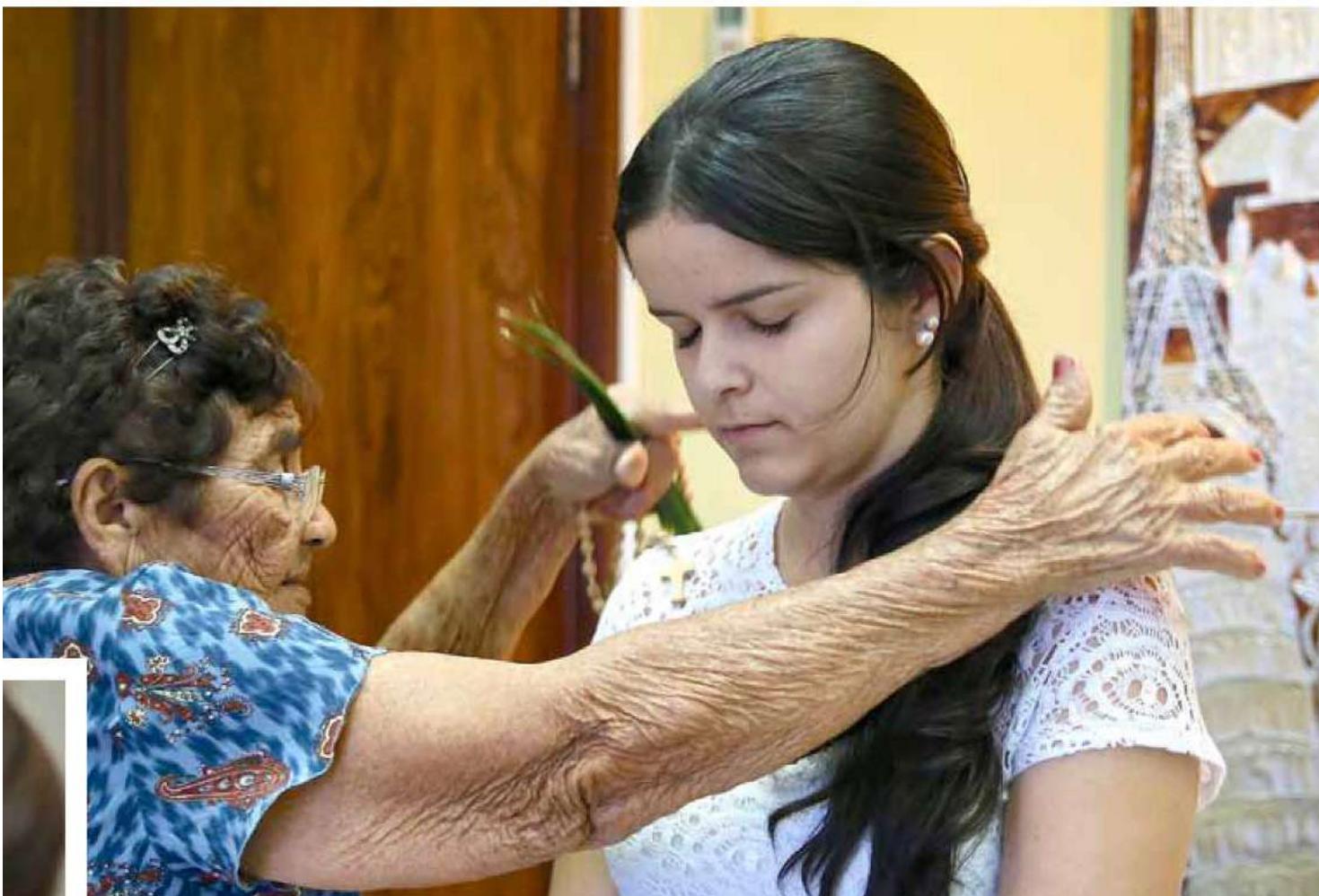
Segundo Dona Barica, na mesma experiência a tal senhora lhe propôs ensinar-lhe a benzeção. “Aí

eu disse que aceitava. Quando amanheceu o dia, não tomei remédio, nem nada. Ela veio me ensinar três dias, o espírito da mulher, a mesma reza que ela fazia, eu ia fazendo. Aí eu aprendi a rezar e rezo até hoje”.

Barica, que também é católica, diz que na cidade há quem se indisponha diante das benzedei- ras, por conta do preconceito. “Mas comigo não tem isso, porque eles sabem que eu só faço o bem, não me envolvo com outras coisas. E o que me dá eu recebo, não sou de cobrar. Porque tem muitas aqui que cobra”, esclarece.



Dona Maurina,
Currais Novos-RN



Vento caído e cobreiro

Dona Toinha diz que entre as crianças também existe a reza do “vento caído”. Consiste também em livrar os pequenos de males que lhes causam sintomas de doença. Essa tem origem em sustos sofridos pela criança.

Para curar, é reza. Dona Toinha explica que para livrar os meninos e meninas do vento caído a benzedeira os coloca de cabeça para baixo, embaixo de uma porta, e reza pela melhora. “Mas a reza

pra mau olhado é uma, e a reza pra vento caído é outra”, observa.

Há ainda quem procure Dona Toinha para se livrar do mal de cobreiro. Trata-se de uma doença semelhante à catapora. “A pessoa pipoca, ficam aquelas pipoca assim no corpo, num sabe? Dá nas partes que a pessoa fica coberta, assim, pela roupa, e se encostar a cabeça com o rabo a pessoa morre. Tem que mandar rezar. Cobreiro é somente reza e repouso”, explica.

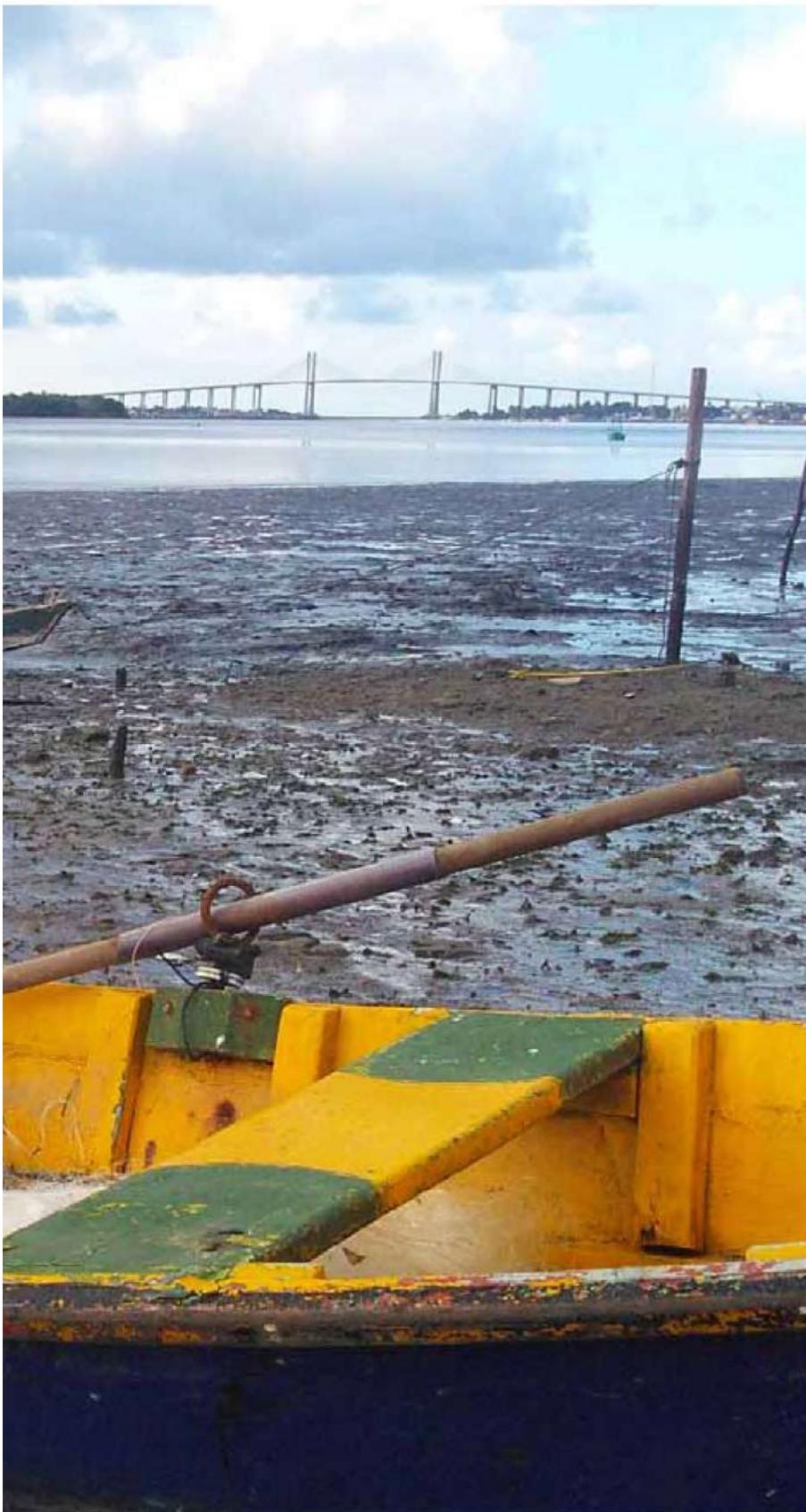
Rezando o Credo, o Pai Nosso, Ave Maria e Salve Rainha, Dona Toinha e Dona Barica seguem atendendo a quem lhes procura com o anseio da cura. A aposentada Maria Auxiliadora defende que as benzedadeiras têm “um dom de Deus”. Fato é que, para além de prestarem o serviço aos enfermos - mesmo sem saber -, elas contam a história da cultura popular do Brasil por meio dos seus ramos e bênçãos.

A photograph of a man sitting in a yellow boat on a beach. He is shirtless and wearing pink shorts, holding a fishing net. The background shows a large body of water and a forested shoreline under a cloudy sky. The boat is yellow with a blue interior and has a wooden pole and a metal ring on it.

À beira do Potengi

Uma das comunidades mais antigas de Natal, a do Passo da Pátria foi fundada durante a Guerra do Paraguai. Lugar de contrastes, costuma ser destaque pela violência, mas tem bela vista e muita história

Por Marksuel Figueredo

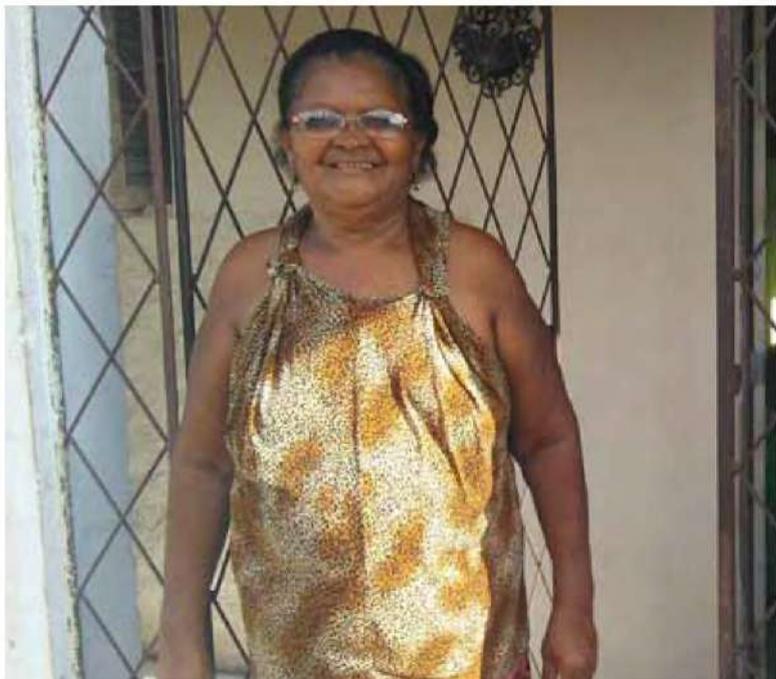


DOS 236 ANOS DA história do Passo da Pátria, Elza Maria Souza da Silva conhece de perto 55 deles. A dona de casa chegou à comunidade em 1962, aos 12 anos de idade. Veio com a mãe de Lajes Pintadas, município do interior do Rio Grande do Norte, tentar a vida na capital. Quando chegou ao Passo, lembra que encontrou uma comunidade sem água e energia.

“As condições eram precárias, as pessoas moravam em palafitas, em casas de papelão na beira do Rio Potengi. Aliás, o meu começo aqui também foi dessa forma, morei numa casa de papelão. Me lembro que quando precisávamos pedir alguma coisa emprestada ao vizinho, afastávamos o papelão e pedíamos”. Hoje Elza está com 67 anos, mora em uma casa de tijolos construída não mais à beira do rio. Tem água encanada e energia elétrica. A casa dela é uma das primeiras da comunidade, logo depois que se cruza a linha férrea, por onde o trem faz a sua primeira viagem logo nas primeiras horas da manhã.

Em quase seis décadas morando no Passo da Pátria, Elza construiu a vida na comunidade. Casou, teve quatro filhos. Um deles, Adalberto Souza, foi jogador de futebol profissional e vestiu as camisas de ABC, América e Alecrim, os três principais times da capital. Ele também jogou pelo São Paulo e até no Marrocos, na África, na década de 1980.

“Se fala muito da violência do Passo, mas aqui moram pessoas de bem, que construíram uma história longe das páginas policiais. Criei os meus quatro filhos nessa comunidade com muito orgulho. Foi aqui que fiz a minha vida, que conquistei com muito esforço a casa própria. Eu acho maravilhoso morar no Passo”, celebra.



“

As condições eram precárias, as pessoas moravam em palafitas, em casas de papelão na beira do Rio Potengi. Aliás, o meu começo aqui também foi dessa forma, morei numa casa de papelão. Me lembro que quando precisávamos pedir alguma coisa emprestada ao vizinho, afastávamos o papelão e pedíamos.”

Elza Maria Souza, moradora



Lugar de contrastes, mistura história e bonita paisagem com violência e construções precárias



A posição geográfica da comunidade favoreceu o desenvolvimento do comércio na capital potiguar

O que nem todo mundo sabe

A comunidade, que teve os seus primeiros habitantes ainda no século XVIII, guarda histórias e curiosidades que poucas pessoas conhecem, a começar pela origem do nome. O historiador Carlos Magno de Souza conta que a denominação 'Passo da Pátria' está ligada à Guerra do Paraguai, quando Brasil, Uruguai e Argentina se uniram e declararam guerra ao país de Solano López, na segunda metade do século XIX.

"Muitos voluntários saíram de Natal para compor as forças armadas. Eles foram para guerra e ajudaram a entrar em solo paraguaio pela província de Corrientes, na Argentina. Quando eles ocuparam esse espaço, o presidente da província aqui no Brasil, José Olinto Meira, denominou a nossa comunidade de 'Passo da Pátria', em uma homena-

gem a essa ocupação. O Passo com dois 's' significa movimento, seguir adiante", explica Carlos Magno.

Pela posição geográfica, o Passo da Pátria recebeu a primeira feira livre da capital. A comunidade é banhada pelo Rio Potengi e isso favoreceu o desenvolvimento do comércio muito cedo nessa parte da cidade. O historiador diz que as mercadorias chegavam pelo rio para serem comercializadas na capital. "O Passo foi o entreposto do comércio de Natal. As mercadorias chegavam pelo Rio Potengi, vindas de Extremoz, Barreiros e outras localidades. Aqui mesmo elas começavam a ser comercializadas na feira, que geralmente acontecia aos sábados. Depois, parte subia para a Cidade Alta. O Passo da Pátria no final do século XIX já tinha essa vida econômica movimentada".





Carlos Magno também morou no Passo da Pátria, durante 15 anos. Chegou à comunidade ainda adolescente, em 1981, e diz que as vielas que compõem a arquitetura do local vão além do que a sociedade enxerga depois da linha do trem. “O fato de retratarem essa comunidade apenas como sinônimo de violência me incomodava, até porque isso não é verdade. O Passo da Pátria formou artistas, servidores públicos, jogadores. O gol do acesso do América à Série A do Campeonato Brasileiro em 1996 foi marcado por um filho do Passo, o zagueiro Carlos Mota. Isso

nos orgulha muito. São pessoas que se destacaram na comunidade e que não podemos esquecer”.

E foi justamente para não esquecer essas pessoas e essas histórias que Carlos Magno lançou em 2014 o livro *Passo da Pátria: um lugar de memórias*. São 177 páginas que retratam a história de uma das comunidades mais antigas de Natal. Ele começou a escrevê-lo na graduação do curso de História, inspirado na poesia de Palmyra Wanderley – poeta potiguar precursora do jornalismo feminino no Estado, que também escreveu sobre o Passo.

“

O fato de retratarem essa comunidade apenas como sinônimo de violência me incomodava, até porque isso não é verdade. O Passo da Pátria formou artistas, servidores públicos, jogadores. O gol do acesso do América à Série A do Campeonato Brasileiro em 1996 foi marcado por um filho do Passo, o zagueiro Carlos Mota. Isso nos orgulha muito. São pessoas que se destacaram na comunidade e que não podemos esquecer.”

Carlos Magno, historiador

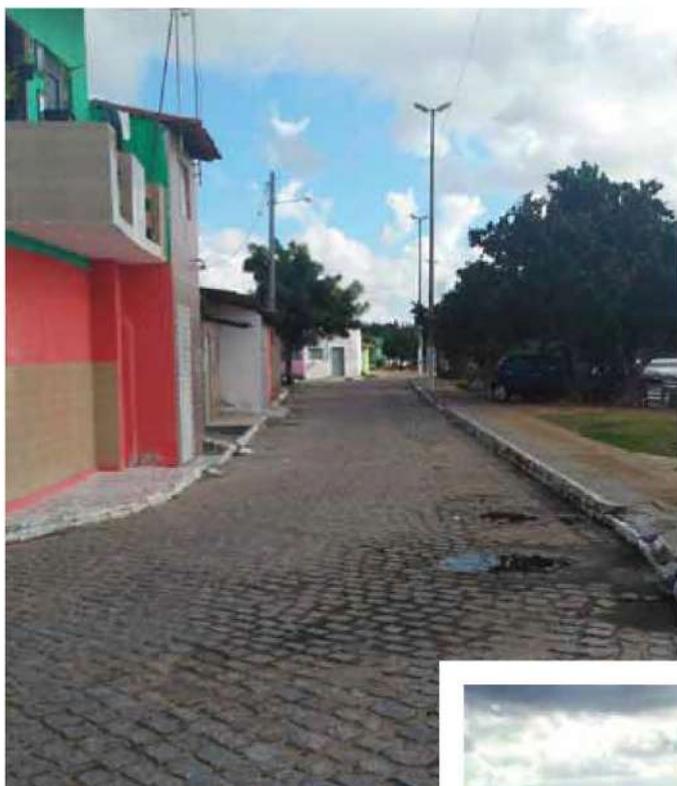
No livro, o historiador mergulha na oralidade dos moradores mais antigos do Passo da Pátria. Carlos conta que ouviu de perto pessoas como o seu Benedito Plácido Belarmino, de 87 anos. O comerciante aposentado vive na comunidade há mais de 50 anos. Trabalhou durante boa parte da vida no Mercado das Rocas, vendendo frutas e verduras. Hoje, leva uma vida tranquila. Diz que só cruza a linha do trem quando tem algo para resolver na Cidade Alta. “Minha vidinha é essa aqui. Gosto do Passo, gosto de puxar minha cadeira e colocar na calçada no fim de tarde para contemplar o vai e vem das pessoas”, diz seu Benedito.



Benedito Plácido Belarmino, aposentado, vive há mais de 50 anos na comunidade



Trilhos por onde passa o trem já nas primeiras horas da manhã



Em 2005, o Passo passou pelo processo de reurbanização

“

Não nasci aqui, moro no Passo faz 26 anos, mas é como se fosse uma vida inteira. É graças às águas do Rio Potengi que tiro o meu sustento e da minha família. É onde eu jogo a minha rede, pesco e vendo o peixe fruto do meu trabalho na feira das Rocas. A comunidade me abraçou.”

**Francisco de Assis da Silva,
pescador**

Enquanto o aposentado contempla o vai e vem das pessoas na viela onde fica sua casa, o pescador Francisco de Assis da Silva, 51 anos, contempla o vai e vem das águas no Rio Potengi. É assim todo dia. Pescador desde os nove anos, ele herdou do pai essa paixão. “Tenho o privilégio de morar de frente para o meu trabalho”, diz Francisco, rindo. A casa dele fica de frente para o rio. “Não nasci aqui, moro no Passo faz 26 anos, mas é como se fosse uma vida inteira. É graças às águas do Rio Potengi que tiro o meu sustento e da minha família. É onde eu jogo a minha rede, pesco e vendo o peixe fruto do meu trabalho na feira das Rocas.





A comunidade me abraçou”. Um abraço de aproximadamente oito mil pessoas, hoje a população do Passo da Pátria.

Em 2005 essas pessoas passaram a viver com mais dignidade depois de um processo de reurbanização. A Escola Municipal Mareci Gomes foi erguida na comunidade, ruas foram calçadas. O Passo da Pátria tem hoje posto de saúde, creche, e no local onde funcionava a feira livre, em meados do século XIX, está instalada a Escola Estadual Passo da Pátria, construída na gestão do então prefeito Djalma Maranhão, dentro da campanha ‘De pé no chão também se aprende a ler’, na década de 1960.

“As coisas estão bem melhores do que no meu tempo”, lembra dona Elza, aquela que falamos no começo da reportagem. Mas ela completa. “Ainda é preciso fazer mais por essa comunidade, é preciso um olhar diferenciado”. São desafios que os moradores estão enfrentando dia após dia.

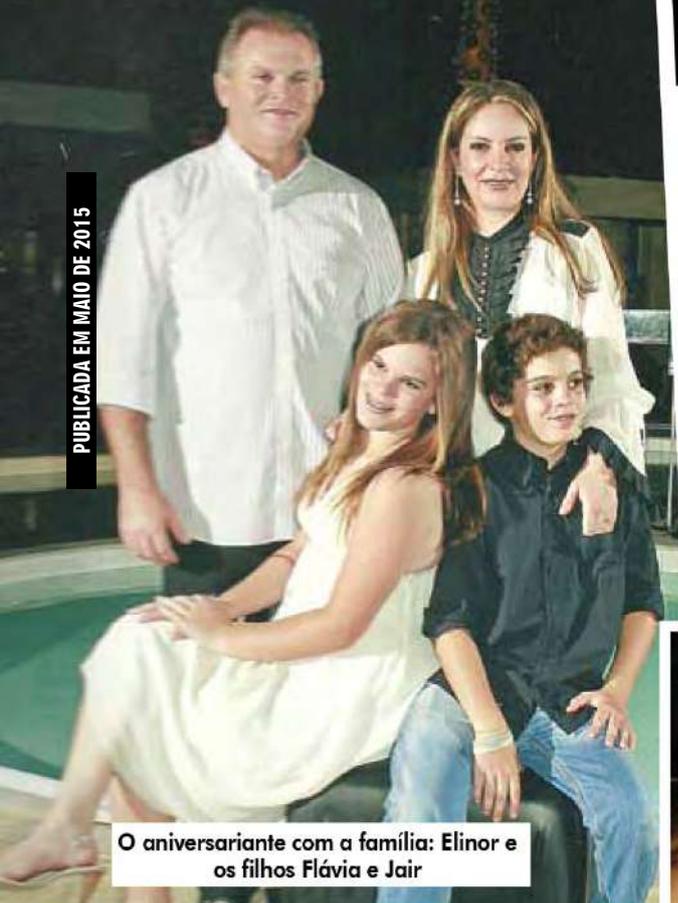
TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo da família e Bobflash

Foi festão

O Iate Clube de Natal, às margens do belo Rio Potengi, foi cenário, no dia 8 de dezembro de 2006, do aniversário de 40 anos do empresário Marcelo Alecrim, presidente da ALE, a quarta maior distribuidora de combustíveis do Brasil. Ao lado da mulher Elinor e dos filhos Flávia e Jair Neto, luzes e holofotes para uma noite que reuniu chiques, famosos e poderosos, que se jogaram na pista de dança ao som da banda Amistad. Ocasão com tilintares de Old Parr e borbulhas, comidinhas gostosas assinadas pelo buffet mais tradicional da cidade: Nick. Na hora dos parabéns, uma grande queima de fogos iluminou o Rio Potengi. Uma festa “pro dia nascer feliz”.



O aniversariante com a família: Elinor e os filhos Flávia e Jair



Odete Guerra, Idáisa Fernandes, Cinthia Delfino, Micarla de Sousa



Lourdes Flor e Diógenes Alvares



Karenina Fernandes, Alessandra Chianca, Tereza Tinoco, Veruska Borges



Fafá e Marcos Procópio



Vera e Luiz Jackson



Lúcia Oliveira, Themis Costa



Hugo Manso, o aniversariante,
senadora Fátima Bezerra , Diógenes Dantas



Vicente Freire e o
senador Garibaldi Filho



Gervânia Teixeira, Joy Fonsêca



Beta e Marino Eugênio



Miriam e Orismar Almeida



Monaliza e Túlio Flor



Com José Maurício e a então governadora Wilma de
Faria, Hilneth Correia, Magnólia Fonseca



Fabiana Lyra, Ana Cristina
Fernandes , Andréa Porpino



Anita Catalão e José Agripino

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo da família e Bobflash

A bela Fazenda Olho D'Água, em São Gonçalo do Amarante, foi cenário de uma festa que reuniu ricos e poderosos, no 13 de março de 2003. Uma noite temática que remeteu aos anos 50 para celebrar os 50 anos do empresário e agropecuarista José Bezerra Júnior, conhecido como Ximbica entre os amigos. Pra dançar, som de Renato e seus Blue Caps, Banda Anos 60 e na vitrola Whisky a Go Go/À meia luz o som do Johnny Rivers... Roberto Carlos, Wanderleia, Erasmo Carlos... e, claro, Beatles. Na decoração, lounges, mesas, bufês e volantes, bares fixos, com serviço impecável do tradicional Nick Buffet. Uma noite pra dizer memorável.



O clã: Adriana, Raquel, o aniversariante, Silvana, Luiza, José Neto, Déborah e Maria Eduarda

PUBLICADA EM JUNHO DE 2015



O aniversariante com a matriarca Ivete Sá Bezerra



Haroldo Sá, Marcelo Bulhões e Ana Toneli, com Washington Gadelha e Tereza



Elísio Galvão, a saudosa Savana e Ezequiel Ferreira de Souza



Liliane Fagundes e Gladys Fernandes



Eleika, Natália, Zorilda e Dulce Bezerra



Os anfitriões com as irmãs Letícia e Leisia Galvão



Leila Vasconcelos



O cenário da festa: Fazenda Olho d'Água



Marcos Galvão, Silvana e José Bezerra com Marília Galvão



Manuel Cavalcanti, Abreu, José Agripino e Ricardo Cavalcanti



Maurício Galvão, o aniversariante, Murilo Pinto e Haroldo Bezerra



Marta Melo, Ricardo Faria e Mônica, com Laurita Arruda



Silvana e José Bezerra recebem Mara Sarahyba e Glorinha Távora



Helôisa Guerreiro, Aglae Miranda, Danilo Simonetti, Manuela Bezerra e Ângela Simonetti



Manuca Montenegro, Silvio Torquato, Fernando Fernandes e Nilson Brasil



ROBERTO GOYANO
Empresário da construção civil

Ambidestria

Pelo mundo afora e, especialmente no Brasil, vemos uma polarização muito grande em torno do conceito esquerda e direita. Este conceito remonta à revolução francesa (1789-1815) e foi evoluindo até os dias de hoje.

Essa evolução, em seus extremos, tem produzido discussões acaloradas e posições intransponíveis em assuntos relevantes no cotidiano político, em todas as suas esferas. A radicalização ideológica, tanto para um lado quanto para o outro, acaba por não permitir a análise de propostas importantes e viáveis simplesmente pelo fato de ter sido proposta pelo lado contrário, levando a decisões nem sempre eficazes.

Pois bem: farei um breve paralelo trazendo fatos para análise, guardando as proporções e distinções devidas.

Neurocientistas, há muito tempo, pesquisam o cérebro e seus segredos e mistérios, um deles é sobre a troca de informações entre os lados cerebrais.

Num cérebro normal há uma ponte de fibras nervosas chamada corpo caloso, que conectam os dois hemisférios cerebrais. Teoricamente, pessoas que - por má formação cerebral - podem nascer sem, ou com má formação, desse importante feixe de fibras nervosas teriam dificuldades no aprendizado e memória por conta de estarem em lados opostos, porém, muitos cérebros constroem um caminho mais longo para essa conexão, um fato verificado pelos médicos Fernanda

Toval-Mor e Roberto Lent (IDOr e UFRJ) em pesquisa publicada na revista PNAS da Academia de Ciências dos Estados Unidos.

Nos meus primórdios do antigo curso primário, ouvi muitas vezes colegas, canhotos, serem repreendidos pela professora por utilizar a mão "errada" no aprendizado da escrita produzindo, quando forçado à usar a outra mão, verdadeiros hieroglifos ao invés de nosso alfabeto normal.

Isso causava certa agitação na classe e, como defesa, éramos desafiados, nós destros, pelo colega a escrevermos com a outra mão e o resultado era muito semelhante ao produzido por ele, quando forçado a virar destro.

Alguns se saíram muito bem, eram os famosos ambidestros. Minoria, sempre.

Quero chamar a atenção para o fato que cada lado, direito ou esquerdo, tem suas especificidades que são relevantes e devem ser levadas em conta. No caso do cérebro é indispensável a comunicação entre um e outro lado. Na situação de canhoto ou destro, atividades que requeiram movimentos mais precisos, cada qual o faz com seu lado mais treinado para isto.

Trazendo agora para o contexto de política, seria muito interessante que tivéssemos, além de um corpo caloso, a ambidestria, conceito já existente em grandes corporações.

Ambidestria pode ser aprendida, é um esforço grande, porém, acredito eu, pode gerar resultados muito mais eficazes e duradouros do que o simples isolamento dos lados.

experimente
É GRÁTIS

Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

**Informação rápida,
simples e barata.**

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!



boraler
publicações digitais



www.boraler.com.br



Mais de 200 revistas por apenas R\$ 22,90/mês.



GoRead oferece acesso ilimitado a revistas de todos os segmentos. Você pode ler no seu smartphone ou tablet, ou baixar para ler quando quiser, mesmo offline.

GoRead. As melhores revistas em um único app.

EXPERIMENTE
30 DIAS GRÁTIS

Acesse goread.com.br ou baixe o aplicativo.

